



VIVER EM CASAL *I*

UM PROJECTO
DE VIDA CONJUGAL
PARA OS NOSSOS DIAS

(Adaptado do livro do Padre Manuel Iceta)

SUPRA-REGIÃO DE PORTUGAL - 2002





ÍNDICE

Apresentação	5
Metodologia	7
1. ^a Reunião – Viver em Casal: Introdução	11
2. ^a Reunião – O Amor Conjugal: Seus Impulsos	17
3. ^a Reunião – O Amor Conjugal: Suas Componentes	27
4. ^a Reunião – Amar o que o outro ama	37
5. ^a Reunião – O Matrimônio: Sacramento-Vocação-Celebração	45
6. ^a Reunião – Psicologia do homem e da mulher no interior do casal	61
7. ^a Reunião – A Sexualidade em casal: Importância e Funções	73
8. ^a Reunião – A Sexualidade em casal: Princípios	85
9. ^a Reunião – Balanço em Casal e em Equipa	95



APRESENTAÇÃO

Este tema “**Viver em Casal**” foi extraído e adaptado do livro com igual título do Padre Manuel Iceta, Conselheiro Espiritual de várias Equipas de Nossa Senhora em Espanha que tivemos o prazer de conhecer no Encontro Internacional de Fátima, em 1994, onde proferiu uma comunicação com grande interesse.

O livro “*Vivir en Pareja*” é composto de 12 capítulos e 1 epílogo. Depois de prévia autorização, a equipa supraregional, devido ao elevado interesse e actualidade de todos os sub-temas tratados, decidiu traduzi-lo e adaptá-lo a um tema de estudo para ser reflectido em dois anos consecutivos, de preferência para equipas que terminaram a pilotagem.

No primeiro ano serão abordados os seguintes assuntos:

- Amor conjugal: Impulsos e componentes;
- Amar o que o outro ama;
- O Matrimónio: Sacramento-Vocação-Celebração;
- Psicologia do homem e da mulher no interior do casal;
- Sexualidade em casal: Importância, funções e princípios.

No segundo ano serão tratados os restantes assuntos, tendo sido incluído um sub-tema sobre o retiro espiritual, dada a importância de que este se reveste para o aperfeiçoamento da espiritualidade conjugal:

- Fecundidade;
- Oração conjugal;
- Diálogo conjugal;
- Retiro espiritual;
- A crise e as crises;
- Educação dos filhos;
- Conjugalidade: um projecto comum.



Este documento aparece pois para servir de base ao tratamento do tema de estudo, que se pretende integrado com a vida de casal e de equipa. Para tal, para além do texto de meditação e do tema de estudo, contém pistas de reflexão em casal e para debate na reunião de equipa, propostas para o dever de se sentar, e sugestões para a preparação da partilha, conforme podem ver na metodologia que se apresenta a seguir.

Esperamos que este tema vá ao encontro das necessidades e expectativas de todos os casais das ENS, em especial daqueles que estão a iniciar a sua vida em equipa, depois de terminarem a pilotagem.

METODOLOGIA

Este documento constitui um projecto de vida conjugal para os nossos dias.

Está estruturado (ver índice) de acordo com a temática apresentada pelo Padre Manuel Iceta no seu livro “*Viver em casal*” e apresenta uma proposta para nove reuniões (Outubro a Junho).

Para cada reunião, apresenta-se um texto de meditação, que serve também como pano de fundo para o dever de se sentar, um tema de estudo específico para cada mês e respectivas pistas de reflexão em casal e em equipa, além de propostas para o dever de se sentar e outros pontos concretos de esforço.

Naturalmente que, sabemos, a metodologia das ENS não se esgota na reunião mensal, pelo contrário, a reunião de equipa é o culminar de uma vivência ao longo do mês e o ponto de partida para uma nova caminhada. É precisamente a pensar nesta **caminhada, que deverá iniciar-se logo após cada reunião de equipa**, que propomos estes elementos de apoio:

Momentos da Reunião de Equipa	Apoios ao longo do mês	Apoios para a Reunião de Equipa
Acolhimento e refeição		
Oração	Textos vários	Texto de meditação (I)
Pôr-em-comum	Considerado na proposta para o Dever de se Sentar (IV)	
Partilha dos Pontos Concretos de Esforço	Propostas (V)	Questões para a Partilha (V)
Tema de estudo	Texto de apoio (II) e Pistas para reflexão em casal (III)	Pistas para debate na reunião (III)

Estes elementos de apoio são apresentados nos cinco pontos que se seguem:

I. Texto de meditação para a reunião da equipa

Em geral utilizamos o texto que vem inserto no tema correspondente à reunião. Este texto pode ser também usado para o início do Dever de se Sentar.

II. Textos de apoio para o estudo do tema

Os textos de apoio são extraídos do livro “Viver em Casal” do Padre Manuel Iceta.

III. Pistas para reflexão em casal e debate na reunião de equipa

Apresentamos um conjunto de pistas para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e posterior debate na equipa. Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão irá apresentar na reunião da equipa.

IV. Proposta para o diálogo em casal (Dever de se Sentar)

Apresentamos algumas propostas para o arranque do Dever de se Sentar, com base no texto de meditação, que ajudarão a despoletar o diálogo.

Após o Dever de se Sentar cada um definirá a sua Regra de Vida e o propósito de melhorar um dos restantes Pontos Concretos de Esforço.

O Pôr-em-Comum é um ponto essencial da vida em comunidade pelo que não deve ser descurado.

V. Questões para a Partilha durante a reunião

Como sabemos, os Pontos Concretos de Esforço não são uma obrigação que devemos cumprir, mas meios para desenvolver atitudes que nos vão levando, pouco a pouco, à nossa conversão e por conseguinte a um modo de vida mais cristão.

As **atitudes** que os pontos concretos de esforço ajudam a desenvolver em nós são:

- **Abrirmo-nos à Vontade e ao Amor de Deus**

Para tal temos de saber escutar e reservar momentos para conhecer essa vontade de Deus. São exemplo desses momentos: Escuta e meditação da Palavra de Deus; Oração individual; Oração conjugal/familiar; Dever de se Sentar e Retiro espiritual.

- **Desenvolvermos a nossa capacidade para Viver a Verdade**

Ou seja, tomarmos consciência de nós mesmos com verdade. A Regra de vida ajuda-nos neste caminho desde que nós decidamos segui-lo.

- **Aumentarmos a nossa capacidade de Viver o Encontro e a Comunhão**

Isto é, modificar a nossa maneira de estar, descentrando a nossa atenção de nós próprios e indo ao encontro dos outros, do Outro. Todos os pontos concretos de esforço nos ajudam nesta aprendizagem.

É neste espírito que em cada reunião iremos tratar o tema, servindo-nos de algumas questões para orientar a **partilha do esforço** realizado para cumprimento dos pontos concretos, bem como a **partilha da mudança de atitudes** que se pretende atingir.



1^A REUNIÃO

VIVER EM CASAL: INTRODUÇÃO

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Fil 3, 10-14)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Quero conhecer Cristo, o poder da Sua ressurreição e a comunhão em Seus sofrimentos, para me tornar semelhante a Ele na Sua morte, a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos. Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo a correr para o conquistar, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. Irmãos, não acho já ter alcançado o prêmio, mas uma coisa faço: esqueço-me do medo que fica para trás e avanço para o que está adiante. Lanço-me em direcção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo.”

II. TEMA DE ESTUDO

VIVER EM CASAL: INTRODUÇÃO

A conjugalidade é algo de novo. É um contributo feliz das mudanças culturais e da dinâmica interna da evolução. O matrimónio está a dar uma volta de 180°. É importante reter duas linhas de raciocínio:

- Até há relativamente pouco tempo, o matrimónio era um arranjo dos pais. Existem ainda regiões na terra em que o homem compra a mulher, de acordo com os seus cânones culturais. Presentemente, e damos graças a Deus por isso, os rapazes e as raparigas têm possibilidades de escolha, e uma liberdade de opção muito grandes. Possibilidade de relação, de conhecimento mútuo ... que nos fazem lembrar, por contraste, as “amarras” de antigamente.
- Até há pouco tempo a relação homem-mulher era marcada pela prepotência do homem. A mulher não tinha acesso nem à cultura nem às responsabilidades. Não tinha direitos. Era escrava. Só tinha

deveres. Tudo isto mudou. Estamos muito próximos da paridade sociológica entre homem e mulher.

Homem e mulher podem viver hoje, em casal, de forma bem diferente do que o fizeram até agora. Terão existido casais muito bons, casais admiráveis, no entanto, a forma de conceber a convivência, nessa situação de desnível, não tem qualquer comparação com as possibilidades que um casal tem hoje. Quando ouvimos hoje dizer que os jovens não aceitam o matrimónio, que o consideram uma instituição caduca; quando os ouvimos dizer que procuram outro modo de viver em casal, temos de dar-lhes razão, se tal significar a recusa de uma forma de convivência que parte de pressupostos culturais que não são os de hoje. E temos de ver com prazer que o ideal maravilhoso do amor, da doação mútua do homem e da mulher está apenas vislumbrando um horizonte cujas perspectivas dificilmente conseguimos alcançar.

Este tema apenas pretende ser um contributo para a conjugalidade.

As suas páginas foram escritas por um sacerdote. Mas foram primeiro lidas no coração de muitos jovens, de muitos casais que empreenderam esta grande viagem, esta aventura, diariamente insuspeita, de viver em casal. Temos a certeza de que em breve sereis vós, casais cristãos, os que, a partir das vossas próprias vivências, as vão corrigir e ampliar.

São escritas com humildade e simplicidade, querendo mostrar uma luz que vos pode atrair com a sua força irresistível. Uma luz que não foi vista, no seu todo, apenas num casal. Cada casal constitui uma força dinâmica para atingir a plenitude. Mas o brilho luminoso de tantos casais fez-nos compreender. Oxalá que estas reflexões vos ajudem, vos inspirem.

E queremos partir de um acto sincero de fé: cremos no ser humano. Cremos no casal, apesar de tudo. E não o afirmamos como tópico, nem como um acto obrigatório. Cremos no ser humano e cremos no casal porque os conhecemos e porque os amamos. E cremos nesse Deus, eterno desconhecido do homem, que nos chamou para o amor, para a liberdade, para a verdade. E cremos n'Ele porque o conhecemos, porque o amamos. Este acto de fé é um pressuposto indispensável.

Um esclarecimento duplo

1. A vida do casal não termina em si mesma

Esta afirmação é baseada em situações de dupla tentação:

- A tentação que vivem muitos casais de se fecharem em si mesmos, como dinâmica defensiva face aos embates do exterior.

- A tentação de redução a um puro subjectivismo, em contradição com as mudanças culturais marcadamente comunitárias ou socializantes, que pretende fazer depender tudo de um direito exclusivamente teu e meu e de nada mais, que, de forma geral, faz depender tudo de sentimentos, do gosto ou do não gosto.

A realidade do matrimónio tem de ser lida a partir de quatro pontos chave, a partir de outras tantas perspectivas. E devemos fugir das simplificações. Cremos que as podemos enunciar da seguinte forma:

- a) **A relação do homem e da mulher**, a sua convivência própria.
- b) **A relação familiar**, e não apenas os filhos. Como é que a nossa geração vai justificar a situação para a qual relegou os idosos?
- c) **A relação com a Igreja**, comunidade de comunidades, na qual entronca esta comunidade, primeira célula que é a família, e nela o casal crente como vector essencial. É o lugar de Deus: comunidade de amor, escola de amor, princípio e força do amor.
- d) **A relação com todos os homens, com a sociedade**. E com isto queremos significar que os lares deverão estar cada vez mais abertos ao pluralismo da sociedade, e serem concebidos cada vez mais como um projecto aberto à sociedade.

São quatro perspectivas e todas elas imprescindíveis. É importante tê-las presentes. A todas nos referimos ao longo destas páginas, ainda que o conteúdo essencial deste tema diga respeito à primeira.

2. Para uma espiritualidade conjugal

A razão deste segundo esclarecimento resulta da necessidade de recuperar o sentido da palavra **espiritualidade**. É um daqueles termos que caíram em desgraça, por terem sido mal interpretados ou mal usados. No entanto, é portador, em si mesmo, de uma grande riqueza de conteúdo.

Foi identificada com “*misticismo*”. Não com a mística, mas com misticismo entre aspas, como algo oposto a compromisso, querendo dizer que se vive nas nuvens, iludindo a realidade.

Se vamos falar de viver em casal, de querer encontrar a identidade própria, a razão de ser do quotidiano, numa vida a dois, de estar casado, ou como vamos definitivamente falar de espiritualidade conjugal, em contraposição com espiritualidade individual.

Gostaríamos de analisar o seu sentido profundo. O que é que significa espiritualidade?

- **A espiritualidade é a orientação que se dá à vida a partir de valores transcendentais, da aceitação de Deus.** Assim, podemos dizer que carece de espiritualidade uma vida cujos interesses sejam exclusivamente de tipo materialista ou hedonista, ou de ambos ao mesmo tempo, e que são o grande perigo da civilização ocidental. Terá espiritualidade toda a vida que estiver orientada a partir da transcendência.
- **A espiritualidade determina também o modo da minha relação com Deus, com os outros; numa palavra, com o outro.** Existem, logicamente, tantos modos de espiritualidade quantas as pessoas, se bem que na nossa Igreja estejam englobados em grandes correntes, que surgiram ao longo dos séculos a partir de determinados carismas.
- Dificilmente entenderíamos qualquer espiritualidade se prescindíssemos das suas grandes **componentes: a ascética e a mística.** São os parentes pobres. Também desprestigiados e esquecidos. Também a redescobrir:

A ascética, ou o esforço para eliminar ou superar tudo o que possa constituir obstáculo a que se faça verdade na própria vida, na orientação que se pretende dar-lhe.

A mística, essa luz irresistível para a qual se deve orientar a vida, luz distante, utópica, mas que é a razão profunda que marca o caminho; um empenhamento para que o seu brilho seja realidade na nossa vida.

A nossa civilização vive um vazio de mística. A técnica, a ciência, o progresso, não encheram o coração do homem. E sem mística não se pode viver. É resignarmo-nos a viver sem ideal, sem sonho, sem esperança. É abandonarmo-nos à resignação, ao vazio, ao desespero.

Em resumo, **uma espiritualidade compreende o sentido que se dá à vida, o modo de relação com o outro, uma ascética e uma mística.**

Mas se avançarmos um pouco mais, e quisermos entender o que significa uma espiritualidade conjugal, somos confrontados com uma grande dificuldade: fomos educados numa espiritualidade individual cujos

princípios eram: Não te esqueças que vais morrer e tens de salvar a tua alma. Tudo a girar à volta do meu *eu*, como se fosse pequena a nossa preocupação com nós próprios.

Uma espiritualidade conjugal tentará orientar a vida a partir do facto de viver a dois; marcará a relação com o outro a partir do facto de viver a dois; orientará a sua ascética para vencer todas as dificuldades que impedem a vida a dois; encontrará no ideal do amor humano, do amor humano em Jesus, a força e a luz, o sonho e a esperança.

E o que é que vai acontecer ao *eu*? Teremos de lhe aplicar a lei do Evangelho, a lei do grão de trigo que morre. Ressuscitará, alcançará a sua plenitude, pois serei tanto *mais eu próprio* quanto *menos for eu*.

Em termos do Evangelho, a espiritualidade conjugal será o processo através do qual o “*homem velho*” tende a morrer. **Da morte desse eu, do teu e do meu eu, surgirá o nós, a comunhão de amor entre os esposos, cuja força é o próprio Deus, e deste nós nascerão um homem e uma mulher novos, um novo ser em plenitude.**

Estas ideias constituem o ponto de partida. Como num leque, irão ser expostas ao longo dos temas que se seguem.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Nesta primeira reunião, deve-se começar por ler a metodologia proposta para a abordagem dos temas de cada reunião e também as sugestões para os pontos concretos de esforço.

É, pois, uma proposta de exigência, um convite ao nosso testemunho e ao aprofundamento da nossa espiritualidade.

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão em casal ao longo do mês e para o debate em equipa, às quais devem responder por escrito:

1. Como desenvolver a “*conjugalidade*” na nossa vida?
2. Quem sou eu para ti? Quem és tu para mim?
3. Que propósitos de mudança fazem para que a vossa conjugalidade caminhe para a perfeição?
4. Que atitudes de comunhão praticam para desenvolver a espiritualidade conjugal?

Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão irá apresentar na reunião de equipa.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Começemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguido de oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados), criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

Em face da parte do texto a seguir indicada:

“Esqueço-me do que ficou para trás e esforço-me por atingir o que está diante de mim” também nós vamos deixar o que está para trás e começar um novo ano. Assim podemos iniciar o diálogo respondendo a estas interrogações:

- Quais são os propósitos mais importantes que queremos estabelecer e que nos irão ajudar a caminhar em direcção à meta que nos fala o texto de meditação?
- De que modo os pontos concretos de esforço me ajudaram a aprofundar, com verdade, o conhecimento de mim próprio e do casal que somos?
- Que esforço concreto cada um vai fazer para ajudar o outro a crescer ...?

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- A proposta apresentada para o dever de sentar ajudou a entender e a melhorar a nossa relação de casal? Em que aspectos?
- E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as maiores dificuldades que surgiram?
- De que modo os pontos concretos de esforço me ajudaram a aprofundar com verdade o conhecimento do *eu* e do *casal* que somos?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

2^A REUNIÃO

O AMOR CONJUGAL: SEUS IMPULSOS

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Ef 5,1-20)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Sede imitadores de Deus, como filhos queridos. Vivei no amor, assim como Cristo nos amou e Se entregou a Deus por nós, como oferta e vítima, como perfume agradável. Fornicação, impureza e avareza não sejam assunto de conversa entre nós, por que isso não convém a cristãos. O mesmo se diga a respeito de piadas indecentes, picantes e maliciosas. São coisas inconvenientes. Em vez disso, dai graças a Deus. Podeis estar certos de uma coisa: nenhuma pessoa imoral, impura ou avarenta – pois a avareza é uma idolatria – jamais terá herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com argumentos vazios, porque essas coisas atraem a ira de Deus sobre os desobedientes. Não sejais seus cúmplices! Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Por isso, comportai-vos como filhos da luz. O fruto da luz consiste em toda a bondade, justiça e verdade. Procurai discernir o que é agradável ao Senhor. Não participeis das obras infrutuosas das trevas; pelo contrário, denunciái tais obras. Dá até vergonha dizer o que eles fazem às escondidas. Porém, tudo o que é denunciado torna-se manifesto pela luz, pois tudo que é manifesto é luz. É por isso que se diz: «Desperta, tu que dormes. Levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará».

Estais atentos à maneira como viveis: não vivais como tolos, mas como homens sensatos, aproveitando o tempo presente, porque os dias são maus. Não sejais insensatos; antes, procurai compreender a vontade do Senhor. Não vos embriagueis com vinho, que leva à libertinagem, mas procurai a plenitude do Espírito. Juntos recitai salmos, hinos e cânticos inspirados, cantando e louvando ao Senhor de todo o coração. Agradecei sempre a Deus Pai por todas as coisas, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

II. TEMA DE ESTUDO

O AMOR CONJUGAL: SEUS IMPULSOS

Não é possível deixar de reflectir sobre o amor. Fazê-lo ajuda-nos ao enriquecimento diário da sua vivência. O amor é uma longa caminhada. Um oceano que não conseguimos descobrir. Um mistério que se encontra na raiz do nosso ser, que torna apaixonante a nossa existência. Que começa com o “*gosto*” da primeira seta da adolescência e só acaba com a última oferta da morte, na qual se entrega por amor a Deus o suspiro que leva à VIDA.

Nesta primeira reflexão sobre o amor conjugal, referir-nos-emos aos seus impulsos, aos seus diferentes “*rostos*”. Impulsos que o definem, no seu conjunto, de tantas outras formas de amor.

Para entender os impulsos do amor conjugal temos de mergulhar nessa assombrosa escola de amor que é a vida comunitária do nosso Deus, à escuta do seu palpitante. Temos, por outro lado, de saborear esse impulso irresistível que faz com que nos ame a cada um de nós, e esteja na fonte da nossa vida.

Podemos dizer que **amor conjugal é:**

- **Aceitar o outro tal como é;**
- **Dar-se;**
- **Acolher-se;**
- **Gratidão;**
- **Comunhão.**

A seguir, iremos abordar com mais pormenor cada um destes impulsos.

1. Aceitar o outro tal como ele é

Há que vencer a grande tentação, subjacente em todos nós, de querer fazer o outro à nossa imagem e semelhança, anulando-o, submetendo-o. Reduzi-lo a ser aquilo que “*eu sempre pensei que havia de ser a minha mulher*” ou a ser aquilo que “*eu sempre pensei que teria de ser o meu marido*”.

Muitas vezes, para evitar conflitos, para fugirmos a essas pequenas “*mortes*”, às lágrimas furtivas da procura em comum, renunciando a posições que consideramos inalteráveis, um dos dois sucumbe e converte-se na sombra do outro. Condenamo-nos a repetir a vida com tristeza, aceitando essas outras lágrimas que têm o sabor amargo de serem para sempre.

“Se me obrigas a corresponder aos teus sonhos, às tuas obsessões, às tuas necessidades ... já não somos dois a caminhar unidos, a crescer juntos, a saborear o prazer da vitória do amor sobre os pequenos egoísmos.”

“Deixa-me amar-te tal como és; ama-me tal como eu sou.”

Aceitar o outro tal como ele é, com as suas grandezas e fraquezas, as suas manias e genialidades, com as suas limitações e humores, **significa amá-lo**. Esperar, para o amar, que ele seja aquilo que eu quero que ele seja, significa tão só amar-me a mim próprio, querê-lo para mim. E isto não é amar.

Aceitar o outro tal como ele é não significa deixar passar por bom aquilo que é menos bom, nem resignar-se a arrastar durante anos os mesmos defeitos. Significa trabalhar em conjunto com o outro para ultrapassar essas dificuldades, vencê-las pouco a pouco. É esforçar-se para juntos atingirem uma plenitude, em que cada um é integralmente ele próprio a partir das suas raízes. É saber morrer juntos para o “velho” e ressuscitar para o “novo”.

Aceitar o outro tal como ele é significa não dizer “já sei isso de cor”, “já sei tudo o que me vais dizer”. Significa acreditar nele e esperar dele. É o aceitar esse dinamismo interno de toda a vida que nos torna insuspeitos no dia a dia. É assumir a realidade mutante do outro, tantas vezes impensada.

2. Dar-se

Amar, acima de tudo, significa dar-se sem reservas, sem interrupções, sem querer recuperar, no dia a dia, qualquer parcela de um dom que uma vez foi concedido na plenitude.

“Um dom que fazes de ti mesmo ao outro”. Sem qualquer razão que o motive. De uma forma gratuita. Simplesmente ama-lo. Entregas-te.

Não nos é difícil ser generosos, mesmo elegantes, oferecendo coisas: presentes sofisticados, amabilidades deslumbrantes ... Temos dificuldade em dar-mos a nós próprios. No entanto, é isso que constitui a grande exigência do amor. *“Não quero as tuas coisas, quero-te a ti: a ti por inteiro, só a ti.”*

“O meu pai, dizia um certo rapaz, daria tudo por mim, mas nunca tem dez minutos para me dar ...”

Amar não é dar coisas.

É dares-te a ti próprio.

Dar-se a si própria constitui uma atitude profunda da pessoa que renuncia a viver em função de si mesma, que abre as suas portas e que está atenta ao outro, à sua escuta, e o acolhe. Afinal, que procura a felicidade do outro.

É preciso ter em conta os três sinais de verdade deste dom:

A PALAVRA

É um facto que ao aborrecerem-se são os primeiros a negarem-se: deixam de falar. Cerram as portas e fecham-se dentro de si mesmos. No entanto, quando falam e abrem o coração, tanto nas pequenas como nas grandes coisas, estão a dar-se.

O ENCONTRO SEXUAL

Há encontro quando, para além de satisfazer necessidades, pretendem expressar e ser sinal de oferta ao cônjuge, aceitando-o plenamente. Se te recusas facilmente por qualquer razão, se raramente surge de ti a solicitação, onde está o teu dom?

A RESPOSTA

Como respondes aos pedidos verdadeiros do outro?. Se estiveres atento, descobres as respostas e se fores capaz de dar-te, corresponderás dentro das tuas possibilidades. Estás a dar-te. A seguir, tanto os pequenos como os grandes dons recuperam todo o seu significado.

O amor faz sempre referência à vida. O dom é aquilo que faz viver, o que nos ajuda a ser.

Se nós somos, se existimos, é porque o nosso Deus é, primeiro que tudo, O-QUE-SE-DÁ. Ele é o amor.

E convosco passa-se o mesmo. E não apenas porque vos dais, surgem através de vós novos seres, os vossos filhos. **Cada um de vós é, existe, na medida em que cada um faz dom de si próprio ao outro.** Todos temos a experiência de que é o amor que nos é dado aquilo que nos faz ser.

O teu dom é o que faz o outro ser, e quando lho negas estás também a negar o ser ao outro. Sabemos que, como esposos, entendem. Quantas vezes, por causa de mil tolices da vida, negas o teu dom, e ao negá-lo, negas-lhe o ser!

“Recordo que uma vez me telefonaram de longe. Falei primeiro com ele e depois com ela. A sós. Tinham um desses problemas. E estavam tristes e preocupados por causa de uma dessas pequenas coisas em que a cada um custa morrer um pouco de si mesmo. E estavam distantes um do outro, há alguns dias que não se falavam. Não eram eles, não eram os que eu conhecia, sempre risonhos e enamorados. Ouvi-os, disse-lhes aquilo que se costuma dizer nestas ocasiões. Finalmente falaram um com o outro, resolveram os seus problemas, cedendo cada um pouco.

Passados dias voltaram a telefonar-me, cada um de sua vez e em telefones separados. Garanto-vos que cada um deles estava diferente. Porquê? Cada um deles tinha feito dom de si próprio ao outro, e, ao acolher o dom do outro, tinham voltado a viver. Porque é o amor que nos faz ser.”

Propomo-vos duas reflexões concretas para ver até que ponto esse dom de um ao outro, que já foi total, continua vivo. Sem enfraquecer.

- A primeira é sugerida pela expressão “*amai-vos primeiro*”, do nosso Deus na Escritura. Quem dá o primeiro passo, o que se dá em primeiro lugar, se aproxima, o primeiro que está disposto a esquecer, quando alguma coisa não corre bem? Quantas vezes foste tu o primeiro?
- A segunda é perguntar se alguma vez “*lhe deste tudo nas coisas pequenas*”. Se lhe deste **tudo** o tempo de que dispunhas nessa tarde, se renunciaste a **tudo** nesse caso, se lhe deste **tudo** o que te pedia, se ...

3. Acolher-se

Se o amor é dar-se, **amar é também acolher o dom do outro**. O dom que fazes de ti próprio, eu acolho-o no meu ser. E o dom que faço de mim mesmo, tu o acolhes no teu ser. E quanto mais me amas, mais limpa e transparentemente é feito esse acolhimento. Sem preconceitos, sem suspeitas, vazio de si mesmo. Capacidade sempre susceptível de transbordar! Oportunidade permanente!

Talvez compreendamos melhor invertendo a situação e pensando no “*não acolher*”. Todos temos essa experiência, a penosa experiência que vive, mais do que ninguém, o nosso Deus, ao ver que lhe fechamos tantas vezes a porta; essa experiência, isto é, o facto de nos quisermos dar e o nosso dom não ser acolhido. A experiência dolorosa de não se saber o que se passa com o outro, ou com um filho, e por mais que te aproximes, fuge-te, e por mais que lhe queiras falar, afasta-te, e por mais que lhe queiras transmitir sinais, não os quer entender ...

Acolher “o quê”? A resposta é simples: a pessoa do outro, em cada momento da sua vida. **É o tu que deve ser acolhido, o que precisa de ser acolhido, todos os dias, até ao fim.** É o simples gesto de dar a mão antes de dormir, ou de olhar-se nos olhos para descobrir o *eu* débil do outro que suplica.

Pelo facto de ocultar um mistério tão grande, expressa-se através de coisas bem pequenas. É a valorização do que diz e do que faz, sentir orgulho de o ter ao lado, é o desejar a sua presença. É a aceitação das suas opiniões, ainda que sejam pequenas, sendo discreto nas correcções, e não as rejeitando sistematicamente, em especial na frente de terceiros. Aceitar as suas histórias, sem as corrigir permanentemente.

É a aceitação da sua realidade corporal, com os seus processos e indisposições, com os seus defeitos e envelhecimento.

É descobrir bondade nas suas respostas. Mesmo que, às vezes, a bondade do outro nos embarace.

Existem dois pequenos sinais diários que exprimem o acolher-se. Um deles surge ao despertar todas as manhãs, quando o amor começa a reconstruir-se. O outro é quando, depois do trabalho quotidiano, se re-encontram. Nesses momentos, ainda que seja por um instante, são de verdade um para o outro? O primeiro é o **teu**, os teus desabafos, as tuas necessidades, as tuas agressividades ...

Convidamo-vos a despertar, a fazer crescer em cada um de vós o desejo do outro, o desejo do melhor para o outro, o desejo da sua presença, o desejo de recebê-lo, de acolhê-lo, de guardá-lo, de saboreá-lo.

Cada um de nós poderia escutar, como que pronunciadas pelo outro, as palavras do Senhor: “*Olha que estou à tua porta e chamo. Abre e cearei contigo e tu cearás comigo*” (AP 3.20).

4. Gratidão

A descoberta da gratidão constitui uma nova riqueza, um novo impulso na vivência e na expressão do amor. Quando acolho em mim o teu dom, brota do meu ser um novo amor, distinto, com um significado particular.

É a gratidão por tudo o que significas para mim. A gratidão pelo muito que me amas. A gratidão pelo que despertaste em mim; porque, sem dúvida, a minha vida teria sido diferente sem ti; sem ti não teria atingido a plenitude que alcancei.

Finalmente, **a gratidão pela sorte de ter sido o receptor do teu dom.**

Ainda que actues muitas vezes por gratidão, são poucas as vezes em que o expressas. São poucas as vezes em que te deténs a reflectir sobre tudo o que o outro foi capaz de fazer por ti ao longo da vida, em tudo a que renunciou, nos esforços, nos sacrifícios, nas vitórias, nas muitas coisas que contribuíram para a tua felicidade, para a tua plenitude. E se são poucas as vezes em que pensas sobre isso, são ainda menos as vezes em que o dizes. Porque não tentas fazê-lo?

É motivo de surpresa vê-los distanciados um do outro por um episódio ridículo. Um incidente diminuto foi capaz de ocultar todo um horizonte de dedicação e de entrega. Talvez seja porque somos mesmo assim ...

A gratidão, o reconhecimento por tudo o que receberam um do outro está na raiz da simplicidade e da bondade que cada um sente pelo outro, do respeito, dessa pobreza radical que faz com que cada um precise do outro para viver.

Um cristão é aquele que compreendeu tão bem “*Deus amou-nos tanto, que nos deu o Seu Filho*”, que não é capaz de proceder de maneira diferente que não seja procurando o que Lhe agrada. Quem tenha entendido e saboreado o amor de Deus sobre si próprio, toda a sua vida será uma resposta de gratidão, uma resposta de acção de graças ... Porque me amou tanto.

O amor de gratidão, de acção de graças, leva-nos, com a sua força, a procurar, a saborear, a realizar o que agrada ao outro. Estamos convencidos de que quando sinceramente correspondem ao que há de melhor e mais profundo na petição, muitas vezes tácita, do outro, estais também a agradar a Deus

A gratidão, aquilo que é gratuito, é a graça nesta vida. Aquilo que é realmente gratificante.

*Que seria eu sem ti, que vieste ao meu encontro?
Que seria eu sem ti, senão um coração adormecido no meio do bosque,
senão uma hora que passa no mostrador do relógio,
que seria sem ti, senão uma balbúciação ...?
Foi contigo que aprendi tudo sobre as coisas humanas,
e vi até agora o mundo à tua maneira.
Foi contigo que aprendi tudo como se bebesse na fonte,
como se lesse no céu as estrelas distantes,
como se repetisse a canção do que passa cantando a meu lado.
Tu deste-me a mão neste inferno moderno
em que o homem já não sabe o que é ser dois.
Tu deste-me a mão como um amante feliz.*

Louis Aragon

5. Comunhão

A comunhão é a mais elevada forma de unidade que pode existir entre nós. Da comunhão resulta que em Jesus somos um só. Ou como se diz: *“Eu sou tu e tu és eu”*.

De qualquer forma, **a comunhão brota desse fluxo de dar-se e ser acolhido, o que provoca um novo dom**. Mutuamente, porque não há comunhão se o movimento não for recíproco.

Era importante ver a comunhão como algo mais do que o culminar do amor conjugal. **A comunhão de facto é o grande dom que o casal pode oferecer**. A fecundidade não é outra coisa senão a chamada a um novo ser para participar na comunhão.

E a sua educação, ao fazê-lo entrar de qualquer forma nessa comunhão de amor dos pais. E a amizade, esse presente que se dá ao amigo da comunhão. E a oração, é deixá-la brotar. E o compromisso será a clarificação desse impulso irresistível da comunhão a transformar-se em dom.

A comunhão é a grande dádiva do casal aos seus filhos, à família, à Igreja, à sociedade.

Mais do que de alimentos, medicamentos ou vestuário, os vossos filhos têm necessidade de que os queiram, de saber que os querem (têm de sabê-lo), de participar no vosso amor.

Mais do que de um copo de vinho, de um café, de um jantar, do vosso trabalho, ou da vossa generosidade em partilhar, os vossos amigos precisam de sentir o calor do vosso amor.

A presença do Espírito, através do sacramento, é que vai fortificar, tornar estável e fiel, suave e feliz, a vossa comunhão. N'Ele sois uno.

Às vezes pode parecer-vos teoria longínqua o que de facto é a realidade. Eventualmente na vossa própria vida, apesar de tudo. Trata-se de consciencializar estas coisas que são sublimes, é certo, mas se as pedimos, as procuramos e as guardamos, chegará um dia que são verdade dentro de nós. Às vezes somos os últimos a tomar consciência de tal facto.

Sem dúvida que o amor conjugal é muito mais. Há tantas conotações nele!

É escolha.

É apelo.

É fonte de liberdade.

É fidelidade.

É caridade.

É felicidade ...

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Devem responder por escrito às três questões seguintes:

1. De entre todas as coisas que mais vos tenham chamado a atenção neste tema, como casal, escolham três e comentem a opção que fizeram.
2. Qual dos cinco impulsos que abarcam o amor conjugal vos parece mais importante? Em qual deles, de uma maneira geral, fálham mais? Que outros impulsos acrescentariam?
3. *“Aquilo que me torna mais feliz na vida de casal é que ele(ela) seja feliz, e aquilo que mais me faz sofrer é ver que ele(ela) não é feliz.”*
 - Comentem este sentimento.
 - Como casal, o que é que vos faz mais feliz? E menos feliz?
 - Se têm consciência do que ajuda o outro a ser feliz, porque razão não o concretizam entre os dois?

Devem partilhar em equipa se, ao estudar este tema, vos foi fácil fazer o “Dever de se Sentar” e responder por escrito às três questões anteriores.

É sempre bom pôr em comum as dificuldades para poderem ver que há aspectos/situações que acontecem a todos os casais.

No final da reunião,
e após escutar todos os casais,
que conclusão tiram?
Troquem ideias e concretizem qualquer aspecto
que possa servir de denominador comum.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Começemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguido de oração partilhada e exposição de intenções (estes pontos da reunião ficam já preparados), criando um clima de interiorizarão e de acolhimento ao outro, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo.

Em seguida leiam as questões, façam um curto silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- Até que ponto cada um de vós se sente amado, tal como sois, pelo outro?
- Tens a sensação de estares a ajustar-te aos sonhos e ilusões que o outro criou a teu respeito? Indiquem quais os aspectos em que isto se verifica.
- Em que atitudes e pormenores da vida vê cada um de vós que o outro foi um dom para si? Concretizem essas situações.
- Em que coisas sentem, cada um de vós, ser bem acolhido ou insuficientemente acolhido pelo outro?
- A comunhão é o grande dom do casal aos outros. De que forma expressam aos outros – filhos, familiares, amigos – de que os amam?

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- As sugestões apresentadas no Ponto IV (proposta para o diálogo em casal), ajudaram a fazer a minha/nossa regra de vida? ...
- E nos restantes pontos concretos de esforço, que avanços conseguimos?
- Em que circunstâncias ao longo do mês, consegui/conseguimos uma verdadeira **escuta da palavra de Deus**? E nas outras atitudes, houve propostas de mudança? Em que sentido?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

3^A REUNIÃO

O AMOR CONJUGAL: SUAS COMPONENTES

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Gn 1, 26-28)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Então Deus disse: «Façamos o homem à Nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra». Deus criou o homem à Sua imagem; à imagem de Deus Ele o criou; e criou-os homem e mulher. Deus abençoou-os e disse-lhes: «Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra.»”

II. TEMA DE ESTUDO

O AMOR CONJUGAL : SUAS COMPONENTES

Entre todas as formas de amor humano, o amor conjugal tem o carácter de síntese. A soma de todas as outras formas de amor. Talvez por isso:

- É a imagem de Deus, comunidade de amor: “Criou homem e mulher, criou-os à Sua imagem” (Gn 1, 27)
- Foi a forma de amor humano que Deus escolheu primeiro para nos dar a entender o seu amor por nós: a humanidade (a Igreja) é a esposa. Portanto, através do Filho transmitiu-nos a grande revelação da sua paternidade.
- É o sacramento do seu amor pessoal, da sua ternura. O amor conjugal surge na presença do amor de Deus. O nosso bom Deus continua a encarnar na nossa pobreza de homens!

Este carácter de síntese, este somar de todas as formas de amor e a escolha privilegiada de que foi objecto por parte do Criador, constituem a **grandeza do amor conjugal**.

Há algo, porém, que relativiza o amor conjugal: é um dom que Deus nos concede. Antes de nos escolhermos já existíamos. Recebemos de Deus a existência. Antes de nos conhecermos e amarmos já éramos amados. Deus amou-nos primeiro.

- O outro não é absoluto. Só Deus o é. Como diz Isaías “*O teu esposo é o teu Criador.*” O outro é uma imagem do amor de Deus, um caminho até Ele, uma vez que é presença e companheiro. Um dom que me é entregue, que devo ajudar a chegar à plenitude.
- O outro é o “*outro*”. Não é “*os meus sonhos*”. Não posso reduzi-lo a ser a minha própria imagem e semelhança, não posso possuí-lo. O outro não pode ser uma resposta para as minhas necessidades, sem mais nada, não pode amar-me a mim nele, sem mais nada, como quem toca no outro para acariciar-se a si mesmo.

Embora possa parecer uma simplificação, pode-se comparar o amor dos esposos à água, que se compõe de dois elementos: hidrogénio e oxigénio. Além disso, contém muitos outros minerais, sais ... Com o amor conjugal passa-se o mesmo, pois para além de outros componentes é configurado por dois elementos.

A vantagem das simplificações neste tipo de reflexão é que nos permite centrar a atenção sobre aspectos essenciais da realidade humana. Frequentemente diz-se que há necessidade “*de cultivar o amor*”, “*de o divertir*”, “*de o inventar a cada dia que passa*”, “*de permanecer nele*” ... Mas como se faz isso? Ao determinar estas realidades, podemos começar a trabalhar sobre pontos concretos, umas coisas levar-nos-ão a outras, a nossa percepção da realidade ir-se-á abrindo e as nossas inibições ir-se-ão dissipando.

Quantas vezes fazemos diagnósticos complicados a situações pessoais, procuramos respostas complexas para os *porquês* de determinadas condutas! Melhor seria que nos habituássemos a procurar primeiro as soluções simples. Acertaríamos a maior parte das vezes.

E assim entramos nos dois “*elementos*” que compõem o amor conjugal:

1. A admiração

O amor repentino costuma começar aí: “*Descobri qualquer coisa em ti*”. Os (as) outros costumam dizer: que será que viu? “*Fitei-o nos olhos, na sua maneira de falar, nas suas mãos ...*” “*Encantou-me a sua maneira de ser, a sua tranquilidade.*” “*No princípio era a sedução total, mas a pouco e pouco fui descobrindo que ...*”

Enquanto há admiração, há amor. Se a admiração vai cedendo o lugar à indiferença e a seguir ao desprezo, está-se a destruir o amor. Quando alguém se compromete com um homem ou com uma mulher, por toda a vida, significa, antes de mais, comprometer-se a manter viva a admiração do outro por nós próprios, para além de qualquer “*contrato de fachada*”, de qualquer desejo de “*causar impacto nas pessoas*”, impossíveis, por outro lado, na familiaridade e na convivência diárias.

Se queremos “*permanecer no amor*”, se queremos manter acesa a chama, sem a qual não é possível viver, devemos manter viva a admiração recíproca no que diz respeito a valores que, pouco a pouco, se vão transformando, com o passar dos anos, nesse empenhamento criativo de viver responsabilmente a nossa vida. Para isso é preciso que cada um:

1.1 - SE CULTIVE E SE CUIDE. Não podemos abandonarmo-nos em nenhuma fase da vida, e muito menos no matrimónio. Devemos cultivarmo-nos como pessoa, em todas as suas dimensões. No aspecto corporal, espiritual, erótico, cultural, sexual, na conduta, nos valores. Numa palavra: não devemos cansarmo-nos de “*construirmos*”.

Esse cultivar-se sem desfalecimento, é aquilo que nos faz ser, dia após dia, “*novos*” para o outro, aquilo que impede de nos cansarmos. O sermos capazes de “*estar de pé*”, mesmo quando caímos e falhámos, facto que é inerente à condição humana, mas compreensível e assumível por se viver numa dinâmica habitual de crescimento. Por tal despertamos em nós a capacidade para tomar novas opções, essa paciência existencial que está na base da “*salvação*” do outro, e nos negamos a rotulá-lo, dando-lhe oportunidade de continuar em frente. Continuamos a acreditar nele. Damo-nos mutuamente a possibilidade de sermos cada dia “*novos*” na saúde e na doença, na prosperidade e nos fracassos.

Cultivar-se significará, acima de tudo, ir transformando a própria conduta, para dar resposta às necessidades verdadeiras do outro; ir suprimindo o que é insuportável, até chegar às coisas mais pequenas que podem ferir o outro ou fazê-lo sofrer.

Cultivar-se é um trabalho, um esforço quotidiano. É a nossa parte na obra da criação, e deve juntar-se à acção de Deus que, lentamente, transforma o nosso ser e o conduz à plenitude. Ambos os “*trabalhos*” mantêm desperta, viva e crescente, a admiração. Estamos sempre a conhecermo-nos! Estamos abertos ao mistério.

1.2 - OLHAR-SE COM AMOR. Pôr bondade nos olhos e no coração ao olhar o outro, ao pensar nele. Na medida em que o outro for para mim um *tu*, e não um objecto, serei capaz de olhá-lo no dia a dia e de pensar nele com amor. E não com dor, com ressentimento e até com ira.

Assim, por exemplo, no encontro ao fim do dia ao pensar: “*Aí está esse trambolho de mulher que me tocou, que será que me vai aprontar hoje? Vou ter de encher-me de paciência para a aturar ...*” Ou então: “*Esse mestronço de homem está a chegar. Que impertinências terei de suportar hoje? ... Mas vai ouvir-me*”. Ou então pensar: “*Coitada, está à minha espera, cansada de um dia de trabalho. Que hei-de fazer para que fique contente? ...*” Ou ainda: “*Eis que chega; virá cansado, preocupado ... Como poderei aliviá-lo?*” Entre estes dois tipos de pensamento há um abismo. É a diferença que existe entre viver fechado em si mesmo ou viver com base no amor, aberto para o outro.

A admiração pressupõe olhar-se com amor. Para o compreendermos teremos que fazer uma dupla reflexão: uma activa e outra passiva.

- **Activa:** Só quando olhamos com amor podemos ir descobrindo o que há de melhor no outro e, logicamente, admirá-lo cada vez mais. No entanto, para reconhecermos um valor que não é nosso, precisamos de generosidade e esquecimento de nós próprios, precisamos de bondade, actos que não são espontâneos em nós. A situação normal é não nos maravilharmos com o outro. É mais fácil lembrarmos-nos de como ressona, ou de como acorda desgrenhado. Será que somos capazes de reconhecer alguma coisa que seja diferente de nós próprios?

Na medida em que formos capazes de reconhecer positivamente o que há de melhor, também seremos capazes de desculpar facilmente o que há de menos bom.

Mas não é suficiente descobrir. Há necessidade de avançar um pouco mais e dizê-lo. À medida que a verdade, a bondade e a beleza do outro vão sendo evidentes para mim, devo dizer-lho. Dizer bem do outro é abençoá-lo, é louvá-lo. É um gesto gratuito, é uma elevada perfeição que mantém desperto o amor. Quanto mais bendigo tanto mais desejo continuar a bendizer! É uma espantosa terapia que me vai ajudando a manter em silêncio o *meu ego*.

- **Passiva:** É uma lei de toda a natureza: (O ser humano descobre o que há de melhor em si mesmo, quando um olhar contemplativo, um olhar de amor o cuida e lho diz: “*Eu existo na medida em que tu me reconheces!*”) Na medida em que me sinto ser, sou capaz de desenvolver todas as minhas possibilidades, de te ir dando motivos permanentes de admiração, de deixar crescer o nosso amor.

Há aqui um segredo. Vêem-se casais que se potenciam mutuamente, que valorizam positivamente o que o outro diz ou faz, as suas atitudes, sobretudo quando está na presença de estranhos.

Esses casais vivem. São pessoas, são felizes. Pelo contrário, vêm-se casais que não se potenciam, que não se valorizam: basta que o outro abra a boca, para ouvir uma contradição, uma correcção, uma desvalorização, quando não um desprezo. Negam um ao outro a existência.

1.3 - O AMOR DO OUTRO POR TI. Não o esqueças. Foi tão grande em ternura, dedicação, pensamento e sonhos ... Tem-no sempre presente! Não como se fosse uma perda da tua liberdade, como se ficasses acorrentado para sempre à retribuição que lhe deves. Será antes uma espécie de despertador da tua admiração e encantamento, uma fonte de gratidão e disponibilidade, o nascimento de poderosas correntes de amor.

Não te canses de reflectir sobre isso. De ponderar. Amou-me tanto! E tu tinhas tão pouca auto-estima, sentias-te naufragar nos mares da vida, inconsistente, vencido pelos medos. Se te amou e recuperaste a consistência perdida, viste iluminarem-se os teus caminhos, sentiste viável o que antes parecia impossível.

Amaste-me tanto! Em cada dia, ao despertar, sinto-me renascer com a segurança do teu amor. Ao entardecer sinto forças para continuar com a confiança que me transmites. Os problemas perdem dimensão, e os contornos, tantas vezes enegrecidos pela existência, recuperam o seu perfil.

Não te canses de o reconhecer. Diz-lho! Di-lo a ele(ela), aos filhos, aos amigos. Causa-lhes espanto ao falhar-lhes do amor.

2. Assumir a fragilidade

Enquanto se toma consciência de como é o outro, das suas debilidades, das suas manias, das suas limitações e fracassos; enquanto que, assumindo tudo isto, ele é aceite tal como é, como ponto de partida, não há amor conjugal.

Só há amor verdadeiro a partir do momento em que se converte em **presença** atenta, capaz de receber e acolher outro ser, não como é agora, não como gostaria de ser e chegar a ser na vida, mas como é na parte mais frágil do seu ser.

O risco de alguns noivados está em não se tomar consciência desta parte da personalidade do outro e atender-se apenas ao conhecimento dos aspectos positivos do outro, incluindo aquilo que é “*sonhado*”. Não é raro ouvir-se dizer, pouco depois do casamento: “*Esta pessoa não tem nada a ver com o(a) que conheci.*” “*Há noivados que são um verdadeiro engano.*”

Há, porém, algo que se repete em todos os casais: vêmo-los felizes no noivado, com as suas coisas, felizes nos primeiros anos de casados, mas chega uma altura em que se percebe que *“há limites que foram ultrapassados”*. Chegaram a um ponto em que deixaram de crescer. Limitam-se a repetir situações. A partir de uma mágoa, de uma consciência de culpa, nasce o ressentimento que, imperceptivelmente, se vai convertendo em ira, em desprezo. Há muitos que são capazes de romper esses limites. Entram num processo de cura criando as condições para que cresça o amor. De *“limite em limite”* o seu amor converte-se num dinamismo criativo da sua personalidade individual, do *nós*.

A parte frágil é o mais importante para cada um de nós, é aquela que procuramos, por todos os meios possíveis, esconder dos que nos rodeiam, pois é aí que a nossa existência é mais vulnerável: *“Não admito pôr a nu as minhas fraquezas perante minha mulher. Ia aproveitar-se! Conheço-a muito bem.”* *“Revelar as minhas estratégias na frente do meu marido? Onde é que iríamos parar?”*. *“Vivemos um equilíbrio de forças que é impossível alterar.”* Somos todos vulneráveis nesse aspecto da nossa vida, já que estamos inseguros da nossa própria identidade.

Quem sou eu? Se não consigo uma resposta capaz de acalmar a minha própria insegurança, esta pergunta transforma-se numa ameaça ainda mais perigosa.

Esta pergunta acompanha o ser humano durante toda a sua vida, desde a infância. Na adolescência é vivida intensamente. A vida em casal não a suprime. Antes pelo contrário, porque o outro, companheiro de todos os dias ao longo dos anos, é aquele que é capaz tanto de acalmar esse sofrimento como de o intensificar. Não é por um *“golpe de sorte”* que a vida conjugal se pode transformar num inferno: os ódios mais inexplicáveis nascem e desenvolvem-se na *“proximidade”* da vida familiar e conjugal, porque é aí, na proximidade dos laços afectivos, onde é mais difícil esconder esta parte frágil. Aquele que está incerto e inseguro de si mesmo, procura refúgio no poder que exerce sobre aqueles que lhe são próximos, impondo-lhes um domínio que os fecha, por sua vez, na sua própria insegurança.

“A vida em comum pressupõe, evidentemente, a partilha das tarefas e das preocupações que a vida quotidiana impõe. Se pretende ser uma vida humana, exige uma atenção especial a esta parte frágil que cada um de nós tem dentro de si. É por esta razão que cada um de nós espera ser acolhido, ser aceite. Numa palavra, ser reconhecido. A vida em comum, na

proximidade, assume o seu verdadeiro sentido quando cada um de nós é acolhido pelo outro, tanto nos momentos de força como nos de fraqueza, com a mesma frontalidade, pois só um acolhimento assim pode dar a cada um de nós a segurança de que existe como pessoa, como uma pessoa especial.”

(Da Revista *Alliance*, n.º 33-34)

RECONHECER: cada um de nós deve, antes de mais, reconhecer que existem em nós necessidades fundamentais e medos que nunca serão completamente satisfeitos e que nos tornam vulneráveis. Sentimo-nos facilmente feridos e interdependentes, precisamos uns dos outros. Esta “*operação pobreza*” não é assim tão difícil. Não é necessário ser muito perspicaz. Basta um pouco de sinceridade e uma dose de sentido de humor. É absurdo que as pessoas se considerem perfeitas, que seja sempre o outro o culpado, que nunca nos equivoquemos.

Devemos reconhecer que temos uma série de pontos sensíveis, semelhantes a feridas abertas:

- Fracassos ou erros não assumidos;
- Imagens negativas de nós próprios; pouca auto-estima;
- Limitações várias não aceites.

Devemos reconhecer também que somos peritos em “*auto-flagelarmo-nos*”, ainda que nos queiramos muito. Que temos uma ótima pontaria para acertar no alvo que mais magoa. E, sem querer, vamos aumentando as feridas e separando-nos imperceptivelmente.

AFIRMAR: é impensável que um homem e uma mulher vivam juntos no dia a dia, ao longo duma vida, sem se magoarem um ao outro. Umhas vezes são pequenos atritos, que podem dar lugar a problemas, que passam despercebidos a quem está de fora. Outras vezes são feridas grandes e muito dolorosas.

O que acabámos de dizer pode gerar uma certa falta de esperança: como é que nestas condições vamos passar toda uma vida juntos? E um medo concreto de que se torne definitiva ou irremediável a solidão que sentimos sempre que se rompe a nossa relação.

Pelo contrário, podemos afirmar que há casais que, tendo resolvido os seus problemas através do diálogo e do trabalho pessoal, são capazes de viver, habitualmente, na verdade sem se magoarem.

CONCLUIR: que o amor conjugal faz com que sejamos capazes de pronunciar, com verdade, todas as afirmações que a seguir apresentamos:

- *“Eu sei que és tu, que será a tua pessoa, a pessoa a quem eu mais quero e a que mais me quere, a que me magoará mais: os teus nervos, a tua negligência, a tua agressividade ... irritam-me.”*
- *“Eu sei também que sou eu, a minha pessoa, a que mais te fere, porque me amas e porque esperas mais de mim do que de qualquer outro.”*
- *“Eu sei que se me senti magoado(a), que se me feriste é porque me tocaste num ponto sensível, avivando a minha própria ferida. Não foi intenção tua magoar-me, mas é a minha fragilidade.”*

Mas:

- * **Eu quero continuar a viver contigo, tal como és, sendo completamente teu(tua).**
- * **Quero, com o meu amor, ajudar-te a curar, a crescer, a chegar à tua plenitude.**

Isto é *“assumir a fragilidade”*. **Este é o amor conjugal.**

Há um parágrafo de *“Los Gozos y las Sombras”*, de Torrente Ballester, que diz algo muito profundo relacionado com o que temos vindo a expor: *“Enamorar-se é mais do que querer dormir com uma mulher; é o ter encontrado uma pessoa junto da qual se pode ser verdadeiro, porque procurar uma mulher para que seja espectadora da mentira que vais inventando pode ser muito arriscado. A convivência não tolera a mentira.”*

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Devem responder por escrito às quatro questões seguintes:

1. Depois de terem lido, comentado e aplicado o tema à vossa vida, cada casal, de comum acordo, deve sublinhar as três coisas que mais lhes tenham chamado a atenção.
2. Comentem o texto de Torrente Ballester: *“Enamorar-se é mais do que querer dormir com uma mulher; é o ter encontrado uma pessoa junto da qual se pode ser verdadeiro ...”*

3. O amor conjugal pode ter outras componentes para além do *admirar-se* e do *assumir-se*:
- Consideram que estes dois elementos são suficientes para sintetizar o amor conjugal?
 - Que outros aspectos são para vós importantes?
4. É fundamental que nos cultivemos para que a admiração se mantenha e cresça. De uma maneira geral, que aspectos da “*cultura pessoal*” julgam que são os mais abandonados hoje pelos casais da vossa idade?

Na reunião, cada casal deve expor como reagiu ao estudo do tema e ao diálogo que deve ter sido feito. Dificuldades, afrontamentos, concordâncias, aproximações, sentimentos ... No final, depois de ouvidos todos os casais, que conclusões tiram?

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

O diálogo que se propõe ao casal é muito sério e difícil. Mas é imprescindível para a comunhão entre os dois. Antes de o iniciarem seria bom que fizessem uma oração espontânea ou se preferirem uma oração partilhada sobre o conteúdo do texto de meditação (Ponto I)

Em seguida, depois de lerem as questões e fazerem um curto silêncio, devem iniciar o diálogo.

- Cada um de vós deve recordar o tempo em que se conheceram e se enamoraram:
 - Quais foram os atributos do outro que fizeram com que te enamorassem dele?
 - Continuas a admirar esses mesmos atributos?
 - Que outros atributos descobriste entretanto?

- Recomendem um ao outro um aspecto em que devem cultivar-se.
- *“Eu existo na medida em que tu me conheces”*:
 - Que significa na vossa vida este pensamento?
 - Até que ponto predomina entre vós dizer as coisas negativas, em reprimenda, sobre a sorte que tendes em apoiar-vos, fazendo ressaltar as coisas positivas?
 - Sentem-se cada um de vós apoiado pelo outro quando *na presença de terceiras pessoas*?
- É importante a ajuda mútua para vos pôr de acordo ao indicar qual a fragilidade de cada um de vós?

É natural que doa. É difícil. Faz falta *“que nos demos conta”* e concretizemos as coisas ... Porque se conhecem tão bem, é preciso ir curando as feridas ...

Seria magnífico que dissessem um ao outro, no final do diálogo, a frase que segue:

“Quero continuar a viver contigo ...”

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Quais as melhorias que surgiram nos pontos concretos de esforço?
- De tudo o que foi analisado, tema e perguntas, devem extrair um ponto de esforço para a vossa vida em casal. Concretizem-no, por comum acordo.
- Sobre a mudança de atitudes, fomos verdadeiramente um para o outro oportunidade de **Encontro e Comunhão** durante este mês? E na nossa família? E na nossa equipa existe verdadeiro Encontro e Comunhão?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

A REUNIÃO

AMAR O QUE O OUTRO AMA

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (GI 6,1-10)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Irmãos, se alguém for apanhado em alguma falta, vós que sois espirituais, admoestai com mansidão essa pessoa. E cada um cuide de si mesmo, para não ser também tentado.

Levai os fardos uns aos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. Se alguém pensa que é importante, quando de facto não o é, está enganando a si mesmo. Cada um examine a sua conduta, e então achará motivo de satisfação na sua própria pessoa, e não por comparação com os outros, porque cada um deve levar a sua própria carga.

Aquele que recebe o ensinamento da palavra deve repartir todos os bens com o catequista.

Não vos iludais, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado. Quem semeia nos instintos egoístas, dos instintos egoístas colherá corrupção; quem semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. Não nos cansemos de fazer o bem; se não desanimarmos, quando chegar o tempo, colheremos. Portanto, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos, especialmente aos que pertencem à nossa família na fé.”

II. TEMA DE ESTUDO

AMAR O QUE O OUTRO AMA

Neste tema é necessária uma reflexão prévia. A atitude de quem ama é global: ama tudo o que é susceptível de ser amado à sua volta. Não apenas dedica um amor razoável a si próprio, ao marido ou à mulher,

aos filhos, à família, aos amigos, mas a sua atitude de amar chega a tudo, desde a profissão, aos vizinhos, àqueles com quem se cruza na vida, à natureza, à arte, a Deus, ... Tudo o que se manifeste e seja passível de ser amado. É realmente uma pessoa que ama.

Pelo contrário, quem se situa numa atitude de não-amor, quem está fechado em si próprio, por qualquer razão que nunca poderemos julgar, vê tudo em função dos seus interesses, dos seus desejos, daquilo que as coisas ou as pessoas possam contribuir para o satisfazer. Quando dizem que amam uma certa pessoa ou situação ... estão a exprimir, definitivamente, que essa pessoa ou situação satisfaz qualquer das suas necessidades pessoais.

Quando numa pessoa, situada no não-amor, irrompe o amor que a leva à doação em qualquer aspecto da sua vida, a sua visão das coisas, o seu comportamento ante os demais e ante a vida, transforma-se. Isto, que é frequente acontecer entre adolescentes, pode ser observado em todas as idades, ainda que mais raramente.

Deve ficar claro que esta reflexão se aplica ao ser humano que tenha ultrapassado as suas idades de crescimento. O menino, o jovem na puberdade, o adolescente, o jovem, vivem os seus próprios processos de forma diferente.

Se aplicarmos esta reflexão, que parece clara, à conjugalidade, chegaremos à conclusão de que quando dizemos *amo-te*, para sermos verdadeiros, queremos dizer:

- Por um lado, que **amamos a totalidade do seu ser**, o seu eu, e toda a estrutura da sua personalidade: o seu corpo, a sua afectividade, a sua maneira de ser, de pensar, de comportar-se...
- Por outro lado, que **amamos tudo o que é significativo e importante na sua vida**: a sua família, as suas amizades, as suas tarefas profissionais, os seus gostos, as suas dedicações.

Será que quer dizer que sou capaz de vencer essa subtil tentação de ir afastando o outro de todos os seus amores, de o ir transformando numa propriedade exclusiva do meu ser possessivo?

“Ao amar-te, amo tudo o que tu amas. Não é verdade que me amas se não amares o que eu amo. Se apenas me amas a mim e não amas aquilo que eu amo, talvez precises de mim, eu te seja útil, resolva as tuas necessidades, mas não me amas.”

Sem pretender suavizar a dureza destas afirmações, é tão fácil criticá-las e até ridicularizá-las ... Somos tão hábeis a justificarmo-nos ...

Está claro que isso não pode significar:

- Que é inaceitável que se tenha de elogiar o que é deplorável. Que se tenha de fazer de cego e afirmar que é formidável e maravilhoso tudo o que rodeia o outro;
- Que se tenha de fingir sentir aquilo que não se sente. Sentir animosidade ou antipatia, repulsa ou desprezo é algo que escapa ao eu consciente e voluntário;
- Que tenha de aceitar como bom aquilo que não o é, que tenha de contemporizar com isto e com aquilo.

Mas também é muito claro :

- Que ainda que se sinta antipatia, que é instintiva, pode-se ser correcto, respeitador e atencioso para com o cunhado, a sogra ou o sobrinho;
- Que se pode fazer vista grossa a muitas coisas, e não abrir ainda mais as feridas que são sempre dolorosas quando dizem respeito à própria família.
- Que é possível fazer-se uma crítica razoável com bom senso e sem desconsideração;
- Que o “*intolerável*” exige exposições e respostas exigentes no interior do casal;
- Que se “*não queres perdoar*”, se “*não esqueces*”, se guardas, durante anos, determinados ressentimentos, e os mencionas sempre que surge oportunidade para tal, deves preocupar-te com o teu bom senso e com a sinceridade daquilo a que chamas de amor;
- Que se, por sistema, estás sempre contra, se críticas tudo, para ti nunca está nada bem, nada é suficiente;
- Que se, mesmo naquilo em que se investiu mais amor e sacrifício, encontras sempre falhas e tens de o dizer alto;
- Que se não sai de ti, nem por milagre, uma felicitação, uma aprovação, uma palavra de alento;
- Que se ...
- Aconselhava-te a que te olhasses ao espelho e risses um pouco de ti mesmo. Não julgues que és mais estúpido que os outros, mas também não o és menos. E anima-te, porque há sempre remédio ...

Devemos ter sempre presente as palavras de S. Paulo no seu canto de amor (1 Cor 13):

“O amor é paciente, é doce e benfeitor; o amor não tem inveja, não actua com precipitação nem com temeridade; não se enche de soberba,

não é ambicioso nem procura os seus interesses, não se irrita, não pensa mal, não se alegra com a injustiça, compraz-se com a verdade. Adapta-se a tudo, acredita no bem do próximo, espera e suporta tudo. O amor não se desvanece nunca.”

Isto pode soar a “romantismo”, a “demasiado bonito”. Pode até parecer estupidez e loucura. O que, no entanto, é evidente é que, diga-se o que se disser, o ser humano encontra num amor assim, o seu equilíbrio psicológico, a sua maturidade humana, a sua razão mais profunda e significativa de viver, a sua alegria, o sentido festivo da vida. Que bonito seria que um dia, juntos, relêssemos esse texto de Paulo, o aplicássemos a nós próprios e nos ajudássemos a vivê-lo!

Sei que é difícil “*amar o que o outro ama*”, amá-lo porque nele amote a ti, porque amo o que há de ti nas pessoas e nos teus interesses. Talvez seja um esforço para toda a vida.. Talvez nunca consigamos. Talvez fiquemos longe. Mas há coisas que, se queremos viver conjugalmente, temos que evitar. Por exemplo:

1. Falar com desprezo da família do outro. É sempre possível calar ou ser respeitador.
2. Manter, durante anos a fio, atitudes ou tendências que são intoleráveis para o outro: beber, divertir-se “*por fora*”, “*os filhos são assunto teu*” ... É sempre possível deixarmos de ser crianças para começarmos a renunciar e a deixar de ser caprichosos.
3. Fazer de surdo, durante décadas, a petições legítimas do outro. Uma seringadela a horas é capaz de resolver a situação.
4. Ser artista na arte de ferir. Sem perder a ocasião. No ponto mais frágil. Onde dói mais. Por favor! Basta!

Entendamo-nos. Talvez nunca cheguemos ao que nos pede Paulo, mas seria indesculpável se não ultrapassássemos estas e outras faltas de maturidade. Há níveis que são acessíveis a todos: o respeito, a educação, a prudência. Há níveis que podemos conseguir: a paciência, a bondade, a compreensão, a misericórdia. Não nos devemos resignar a carregar durante anos situações de dor. Devemos esforçarmo-nos por tornar amável e desejável, para o outro, tudo o que são.

Descubram e amam o *eu* do outro enquanto existe, façam o que lhe interessa.

Amigos e distrações comuns

Este assunto diz respeito àquilo a que poderíamos chamar a projecção do casal. Homem e mulher, quando celebraram o matrimónio ti-

nham os vossos próprios grupos de amigos, que podiam ser comuns ou não. É certo que o matrimónio não pode, de forma alguma, implicar a ruptura com o que existia antes. Há óptimas amizades que são de toda a vida e o são também para toda a vida.

A questão reside em ter-se o extraordinário bom senso para se conseguir incorporar o vosso marido ou mulher nas vossas amizades de forma que os meus amigos sejam também os teus amigos e as minhas amigas sejam também as tuas amigas.

Um amigo, uma amiga, faz parte de nós próprios. Caminhámos juntos e vivemos, sofremos, gozámos ... *“Sem ele não sei como é que teria ultrapassado certas coisas. A sua amizade e o teu amor não se contrapõem nem entram em concorrência. É outra coisa, não; no fundo é a mesma. Amo-te a ti como esposo(a), a ele como amigo(a), às crianças como filhos, e amo a vida e a família ... Mas tu fizeste crescer em mim o amor, e faze-lo crescer todos os dias, e agora vejo que, cada dia que passa, amo mais os meus amigos, os filhos e a vida.”*

O problema coloca-se nos casais em que o homem tem os seus amiguinhos, adora estar com eles, e está sempre desejoso de os encontrar, e a mulher tem as suas amiguinhas, adora estar com elas, e está sempre desejosa de as encontrar. Então cada um deles faz a sua vida *“por fora”*. Há mulheres que são muito mais amigas das suas amigas do que do marido e há homens que são muito mais amigos dos seus amigos do que da mulher. Há casais que organizam assim a sua vida. Dizem que é preciso respeitar a *“liberdade”* de cada um. Ninguém deve dizer nada a ninguém, pois é seu direito. Cada um é *“dono”* da sua vida.

Está bem claro que este princípio não serve se se quer viver uma conjugalidade a sério, uma espiritualidade conjugal. Neste caso urge incorporar o outro no círculo de amigos de cada um, e o que é mais importante, é que estes, ou outros, sejam amigos do casal. Em resumo, não se trata de suprimir ou reprimir o que quer que seja. Trata-se de incorporar, de aumentar.

O que se diz sobre as amizades é válido, conseqüentemente, para as distrações e divertimentos. O casal tem de ser capaz de divertir-se, de distrair-se, de ocupar os tempos de ócio com actividades e distrações que sejam comuns.

Também neste caso é necessário encontrar um equilíbrio. É lógico que nem tudo o que te diverte e distrai a ti tenha forçosamente de divertir e distrair o outro. Nem tudo o que te descansa ou ajuda a evadir tem que descansar ou ajudar o outro a evadir-se. É preciso saber conjugar as duas coisas:

- **É preciso moderar os gostos de cada um dos elementos do casal.** Apresentamos dois exemplos. Tu gostas muito de futebol; mas se numa tarde de domingo vais ao estádio e de seguida te instalas, na frente da televisão, a ver outro desafio, condenando a tua mulher ao ostracismo, estás a exagerar. E se tu gostas de jogar as cartas e por sistema consagras a esta actividade, que te apaixonas, as tardes de domingo, condenando o teu marido ao ostracismo, também estás a exagerar. Não se trata de suprimir. Trata-se de moderar.
- **É importante que eu me esforce para fazer meus os gostos do outro.** Encanta-me ver que uma senhora se envaideça com um clube porque o seu marido é apoiante dele, ou que um indivíduo aprenda a jogar as cartas porque a sua mulher gosta de jogar. E sem “*presumir*”, com naturalidade. Valorizando tudo pelo amor, e não pelas dificuldades.

Se não conjugarmos estas duas coisas, vão-se criando distâncias com demasiada frequência. Mas ainda há mais. Moderar e esforçar-se não é suficiente. É preciso chegar a ter gostos comuns. É preciso que saibam divertir-se juntos, e, se não for possível sempre, pelo menos com frequência. Há desportos que podeis praticar a dois: passear, ir ao monte, nadar, etc. Há espectáculos que podem agradar aos dois, leituras e conversas que podem interessar aos dois, e mil outras coisas. É preciso saber jogar, rir e desfrutar juntos. E dançar e cozinhar e viajar juntos ... São, se quiserem, coisas pequenas. Mas são o “*tempero*” da vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Devem responder por escrito às questões seguintes:

1. Neste sub-tema há dois assuntos diferentes, mas em ligação um com o outro, que representam dimensões importantes do amor conjugal ... Devem extrair do seu conteúdo alguns aspectos que vos pareçam essenciais.
2. Cada casal deve preparar um comentário ao texto de S. Paulo (1 Cor 13), que marca verdadeiros pontos altos na vivência do amor. Seria bom que sublinhassem a aplicação destas palavras tanto ao amor conjugal como à educação dos filhos. Como é que se pode articular com este texto a exigência de todo o amor, o não ser um fraco, uma criatura “*sem energia*”, o não ser “*permissivo*”?

3. A ingerência das respectivas famílias é causa frequente de conflitos nos casais: aos pais custa “*deixar partir*” os filhos. Frases como “*O que têm que fazer é ...*” são habituais. Como têm vivido estes problemas? O que é que viram nos outros casais? Quais são as causas que estão na base da interferência, por vezes muito lamentável, dos pais nas vidas dos filhos quando se casam?

Uma tomada de consciência das causas pode ajudar muito a nossa própria experiência.

4. “*Uma crítica razoável da família do outro pode ser feita com bom senso e sem desconsideração*”:

- O que é que vos sugere esta reflexão?
- É bom fazê-lo? Como?
- É forçoso que calemos tudo? Que aguentemos?
- Custa assumir essas críticas razoáveis? Porquê?

5. “*Há mulheres que afastam os seus maridos dos amigos e vice-versa.*” “*Há casais que acabam isolados, sós*”. “*Outros, pelo contrário, enriquecem-se com uma ampla diversidade de amizades.*” Convidamo-vos a analisar as causas e as consequências destas afirmações.

No final da reunião e após escutar todos os casais que conclusões gerais tiram do estudo deste tema?
Procurem concretizar alguma em que haja maior coincidência de opiniões.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Comentem os dois o texto de S. Paulo (1 Cor 13). Assinalem um ao outro os aspectos do texto que julgem que são realidade, que são verdade em cada um de vós. Assim: “*Creio que és paciente ...*”

Quais são os aspectos da tua vida que julgas que o outro ama? Pelo contrário, quais são aqueles que ele não ama? Reflecte um pouco em silêncio e comenta logo de seguida. Que esforço pediriam um ao outro?

Aceitem a intenção de reflectir com paz e serenidade sobre:

- *Se há algum aspecto "insustentável" relativo às respectivas famílias: intromissões, alusões dolorosas.*
- *Se há outros aspectos que, ainda que não sejam insustentáveis, sejam fonte de problemas para vós.*

Procurem fazer uma reflexão objectiva, não subjectiva, sobre o seu verdadeiro alcance, e ponham-se de acordo sobre uma atitude, ainda que pequena, a adoptar, mesmo que tal implique alguma renúncia.

- Reflectam juntos sobre as vossas amizades. Sentem-se sós? Têm amigos comuns? Têm problemas em relação às amizades de um e do outro? Quais são as dificuldades que sentem?

A reflexão proposta não é fácil. Normalmente evita-se para não provocar mais discussões. É, frequentemente, fonte de dis-sabores. Propomo-vos que a terminem com um gesto festivo: ir ao cinema ou ir jantar, dar um passeio, oferecer um pequeno presente, ou ...

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Do dever de se sentar certamente surgiram propósitos de mudança. Estabeçam cada um individualmente e em casal, **um e um só** aspecto que precisam modificar para melhorar a vossa relação conjugal.
- Têm mudado mensalmente a regra de vida? Têm atingido os propósitos fixados?
- Sobre a mudança de atitudes, de que modo os pontos concretos de esforço vos ajudaram **a aprofundar com verdade, o conhecimento um do outro?**

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

5^A REUNIÃO

O MATRIMÓNIO: SACRAMENTO-VOCAÇÃO-CELEBRAÇÃO

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Jo 15, 12-17)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“O meu mandamento é este: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei. Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos. Sereis Meus amigos se fizerdes o que vos mando. Não vos chamo empregados, pois o empregado não sabe o que o patrão faz; chamo-vos amigos, porque vos comuniquéi tudo o que ouvi a Meu Pai. Não fostes vós que Me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi. Eu destinei-vos para irdes e dardes fruto e para que o vosso fruto permaneça. O Pai dar-vos-á tudo o que Lhe pedirdes em Meu nome. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros.”

II. TEMA DE ESTUDO

O MATRIMÓNIO: SACRAMENTO-VOCAÇÃO-CELEBRAÇÃO

O fundamento da espiritualidade conjugal para os cristãos reside no facto de o matrimónio ser um sacramento. Que significa então isso?

Quantas vezes ouvimos dizer: *“O matrimónio é um sacramento!”* E se perguntares: o que é que isso significa? O que é que isso quer dizer? És capaz de explicar de uma forma clara, de maneira que seja fácil de entender? Ouvirás dizer que o matrimónio é qualquer coisa de muito importante, que é algo de sagrado. E é verdade. Mas que mais? Com essa explicação não se percebe porque é que o matrimónio é um sacramento.

Ouvirás dizer que é um compromisso que assumimos com Deus. Deus tem qualquer coisa a ver com a nossa relação. É Ele que abençoa

a nossa união. E isto está certo, também é verdade. Mas que mais? Haverá mesmo alguém que te dirá que é um sacramento, porque é um sinal da aliança de Deus com os homens. Por outras palavras, ao ver como homem e mulher se amam, podemos vislumbrar como Deus nos ama. E é bonito ver como se amam alguns casais e pensar que é assim que Ele me ama. O amor de Deus é ainda maior. E tudo isso também é verdade, mas continuamos na periferia das coisas. É preciso ir mais longe. Temos de aprofundar o sentido do sacramento.

1. Necessidade de sinais para o encontro pessoal

Todos temos consciência da profunda solidão do **eu**. Assumir que sou diferente, que sou único e não reproduzível, que estou “*separado*”, é tarefa difícil. Mais ainda: com que dificuldade me faço entender, que mal compreendem o que digo e o que faço, e como são tantas vezes mal interpretadas as minhas palavras e acções. O que é preciso fazer para que eu esteja em **ti**, e para que tu estejas em **mim**, para te entender desde **ti** e para que me entendas desde **mim**? Que fazer para, logo de início, partir do princípio de que não há má intenção naquilo que dizemos?

O **eu** profundo e espiritual do homem só se manifesta e se comunica através da sua realidade corporal:

- É o corpo que te distingue como pessoa: é isso o que te marca para os outros.
- O corpo “*revela-te*”: tu mostras-te ao mundo das pessoas e das coisas através do teu corpo.
- O corpo é o “*local*” da tua oferta.

São os teus olhos, as tuas palavras, os teus gestos, o teu sorriso e as tuas lágrimas, a tua atitude ... aqueles que dizem quem tu és, como estás, o que é que sentes e pensas.

São as tuas realidades corporais que exprimem e revelam o **teu eu profundo**. Somente através de **sinais**, de realidades corporais, podes encontrar-te com o **eu do outro**.

EXEMPLOS:

- Para exprimir prazer: os teus olhos iluminam-se, sorris, díze-lo.
- Para exprimir amizade: dás a mão, um abraço, um beijo, um presente, díze-lo.
- Para exprimir dor: contrais os teus músculos, os teus membros, choras, díze-lo.

- Para exprimir a entrega total: a oferta do teu corpo, as tuas palavras.

Desta forma, **os sinais do meu corpo deixam de ver o meu eu: tornam-no presente.**

CONDIÇÕES:

- Devem ser claras, compreensíveis, que se vejam, que se entendam.
- Devem estar “*bem posicionadas*”, serem adequadas e apropriadas a essa pessoa e a esse momento.
- Devem exprimir uma verdade e trazer uma presença.

a) Que sejam claros

Porque podemos ser muito complicados e, inclusivamente, causar danos quando queríamos exprimir amor. Devemos ser claros, evidentes. Não devemos basear-nos em suposições: “*Sabes bem que te amo*” ... Mas não o dizes, não o exprimes. Aquilo que é habitual, aquilo que entendemos ser o dever, não basta. E, acima de tudo, devem ser gratuitos, não um instrumento de troca ou de reforço. Nesta ordem de ideias, um dos sinais mais claros é a dedicação do tempo livre.

Quanto maior é o amor tanto mais é capaz de se exprimir nas coisas mais pequenas, de se descobrir amor em coisas muito pequenas.

b) Estar bem posicionados

Serem adequados a essa pessoa e a esse momento. Há sinais adequados a um menino, que não o são a um adulto. Adequados a um familiar e não a um estranho. Adequados a um dia de alegria e não de tristeza ... Trata-se de uma questão de sensibilidade e de bom gosto.

c) Trazem uma verdade, uma presença

Pressupõem sinceridade. Se entregas o teu corpo e lá dentro só há desprezo e raiva; se sorris e não perdoaste; se dizes ... mas não é verdade; se dás coisas mas não te dás a ti próprio ...

É através dos sinais que se vive o encontro pessoal *tu-eu*, com essa tripla condição. Cada pessoa tem uma sensibilidade própria para os sinais. Há quem se comova com uma flor e quem não se comova. Há quem se impressione com lágrimas ou com outro qualquer pequeno detalhe, com uma música, com determinadas palavras, com um certo prato, e quem não se impressione. Devo descobrir e conhecer os sinais

válidos para cada pessoa e não me empenhar em exprimir os gestos que eu quero mas que pouco dizem ao outro.

Cada casal tem uma sensibilidade específica para essas palavras e gestos, que são apenas seus. Potenciar e enaltecer aquilo que é próprio e específico, vai enriquecendo e qualificando o encontro.

2. O encontro pessoal com Deus faz-se também através de sinais corporais

Deus não tem uma corporalidade como nós temos. Ele é *Espírito*. Não podemos ver o seu *eu* com os nossos olhos corporais, nem ouvi-Lo nem tocar-Lhe ... nesta vida. Sabemos que na outra os nossos corpos ressuscitados poderão fazê-lo.

Assim, Deus retirou de entre as nossas realidades, dessas que nós podemos tocar, algumas coisas como “*locais*” de encontro com Ele. Nelas, pelo seu significado peculiar, Ele apresenta-se para se tornar “*visível*” de qualquer forma, para poder viver um encontro pessoal com cada um de nós.

Ele escolheu-as porque só Ele permanece ao longo dos séculos: as gerações de homens sucedem-se, nada fica parado. É sobre este assunto que alguns colocam as suas dúvidas: “*Porque é que tem de ser assim? Porquê participar na Eucaristia? Porquê receber o perdão de Deus dessa forma?*” Foi Ele que quis selar desta maneira a sua amizade com os homens. Não há outro motivo. Apenas o amor nos pode ajudar a assumir e a compreender o seu “*estilo*”. O mesmo se passa com o casal.

Esses “*locais*” de encontro pessoal, em que Ele está presente de maneira privilegiada, são:

- *Algumas realidades materiais*: o pão e o vinho, a água e o óleo que, ao serem “*transformados*” pela benção, transmitem a vida na Eucaristia, no Baptismo, na Confirmação e na Unção dos doentes.
- *Duas realidades pessoais*: o sacerdote e o casal. São pessoas que ao serem “*transformadas*” pela benção e pelo consentimento mútuo, respectivamente, transmitem o amor de Deus, tornam Deus presente. Na Ordem é o seu amor universal, sem distinção, por todas as criaturas. Na Penitência o seu perdão, sempre disponível. No Matrimónio o seu amor pessoal, a sua ternura.

Por se tratar de pessoas, para além da benção ou do consentimento, entra em jogo a sua liberdade: devem querer deixar-se transformar pelo amor.

Estes sinais corporais que tornam possível o encontro pessoal com Deus chamam-se Sacramentos. Esta palavra (*sacra* = coisas sagradas; *mentum* = menciona, torna presente) distingue os referidos sinais na sua utilização. Se os utilizarmos naturalmente, também nos “*falam de Deus*”: toda a criação nos fala d’Ele. A água e o fogo, o mar, os montes, os peixes e as aves, todos os seres vivos, tanto o pequeno como o grande. Tudo nos fala de Deus se tivermos fé; quer dizer, se tivermos amor. Do mesmo modo que tantas coisas te “*falam*” da tua mulher e a evocam, no caso de seres um marido amante e vice-versa.

Pois bem, quando estes sinais, através da benção, se transformam para a sua utilização religiosa, para o encontro com Ele, ficam como que “*habitados e transfigurados*” por Deus.

Neles está a presença para o encontro, para a salvação, para o amor.

3. O matrimónio sacramento do amor de Deus

Deus é Amor e sente-se impelido a dar o ser, a vida, a outros seres a quem amar e por quem ser amado. Deus cria assim o ser humano à sua imagem e semelhança. “*Criou-os à sua imagem, criou-os homem e mulher*”. O casal humano é a imagem de Deus. O amor humano é à imagem e semelhança do amor de Deus. Por isso o ser humano tem marcado mesmo no seu corpo, pelo sexo, a sua condição de *ser* para outro, de ter sido criado para o amor. O homem é *para* a mulher; o seu corpo assim o determina. A mulher é *para* o homem. O homem não pode encontrar em si mesmo o princípio da sua realização, da sua plenitude. Consegue-o quando se dá, quando ama, quando é *para*. E tanto mais plenamente será ele quanto mais total for a sua doação.

O homem ou mulher consagrados vivem noutra dimensão de ser *para*. Numa dimensão de universalidade: *é para todos*, especialmente para os mais necessitados; *é para Deus*. Esta dimensão do consagrado recorda aos esposos duas coisas:

1. Que o seu amor conjugal é **efémero**. Isto é, um dia a morte vai separá-los. Que foram feitos só para Deus com carácter definitivo: “*O teu Deus é o teu Criador*” E não podem adorar-se um ao outro. Amam a Deus no outro e constroem assim o eterno com o temporal.
2. Que o seu amor conjugal, ainda que privado, deve significar **abertura**: “*Em ti amo a todos*”, e não um fechar-se num “*egoísmo a dois*”.

Desde sempre, o amor do casal foi um sinal do amor de Deus aos homens. Era uma realidade da criação que falava de Deus. Ao longo do

Antigo Testamento vemos como o mesmo Deus, através dos seus Profetas (que falavam em seu nome), se serve desta realidade natural para nos fazer entender que é um Deus que nos ama.

Na plenitude dos tempos (quando nos contou tudo através de Jesus Cristo, Deus conosco, salvador do nosso ser e das nossas realidades), quis que o amor conjugal fosse um sacramento, um lugar de encontro, uma presença sua, através do consentimento, se os esposos se deixam transformar. O amor de Deus, através do Espírito, “*habita e transfigura*” o amor dos esposos e toda a sua realidade.

4. Vós sois um sacramento

O matrimónio não é um sacramento apenas no momento do consentimento, nem é algo que se recebe como um aditamento da pessoa, mas é **antes aquilo que transforma o casal humano e permanece para sempre: sois um sacramento; como pessoas e como casal, sois um lugar de encontro com o amor de Deus para os outros.**

Da mesma forma que nem todos os sinais com que se relacionam na vivência do vosso amor vos fazem sentir igualmente presentes um ao outro, do mesmo modo também há sacramentos, há sinais que, de uma forma privilegiada, não só nos falam de Deus mas originam a sua presença.

Assim, o perdão não só nos fala da misericórdia de Deus, mas também origina a sua presença misericordiosa. Assim, o pão não só nos fala de um Deus que o é para todos, mas também origina a sua presença para todos. Assim, o matrimónio não só nos fala do amor que Deus nos tem, mas que origina a sua presença amorosa em ti e em mim, para todos.

Daqui resulta que tu és para mim o sacramento, a possibilidade de encontro com o amor de Deus, e eu sou-o para ti. Um para o outro, somos o primeiro sacrário, a primeira escritura, a primeira palavra. É Ele que te ama em mim, que te compreende, que te perdoa ... e não sou eu, não sou totalmente eu, uma vez que é Ele que com a minha vida, com as minhas mãos, os meus lábios e o meu coração, se aproxima de ti.

E não termina aqui a realidade deste sacramento. Tu e eu, marido e mulher, somos sacramento para os nossos filhos. O primeiro “*local*” em que o nosso bom Deus se vai aproximar deles, os vai chamar, abençoar, proteger, fazer livres.

Para além disso o nosso lar, primeira Igreja, deverá ser, para todos quantos aí chegarem, sacramento, possibilidade de encontro com Deus.

Um “local” em que o nosso bom Deus possa acolher, compreender, escutar, atender ... todos os que chegam.

Teremos de nos aproximar do Evangelho para descobrir a sua “*chama oculta*”, o rosto vivo desse Jesus que se aproximou de tantas pessoas. Teremos de entender o que é que significou para cada um deles esse encontro. E pensar que “*se é Cristo que vive em mim*” tenho, na minha pobreza, de proporcionar esse mesmo encontro.

Teremos de entender o que é que significam, para Jesus e para aqueles que se encontraram com Ele, vivências como:

- Estar atento a quem sofre.
- Levar a salvação a quem precisa dela.
- Compreender e perdoar.
- Chamar.
- Levar uma luz.
- Dar tudo, oferecer-se num permanente “*Que queres que faça por ti?*”.
- Partilhar as alegrias e as tristezas ...

Temos que nos habituar a descobrir naquilo que é pequeno, no insignificante, no mais débil, o nosso Deus, Criador todo poderoso. Esse Deus que se nos torna presente num pouco de pão, vinho, e numas gotas de água ... Como Maria o descobriu e acolheu naquele menino como todos os outros. Tornar possível em mim, para ti, essa presença, esse encontro.

E Ele será em mim para ti a força do dom sem reservas, do perdão permanente, da compreensão e da ternura, da exigência e da fidelidade. Ele será em mim tudo para ti, e em ti tudo para mim. Ele será em mim, cada dia que passa, uma nova oportunidade para ti, porque Ele em mim acredita sempre em ti, espera-te e ama-te.

E os dois sê-lo-emos para os nossos filhos, e o nosso lar sê-lo-á para todos.

5. Deixai-vos transformar

O sacramento tem como fim a comunhão. Ser em Cristo uma só coisa: “*É Cristo quem vive em mim, quem vive em nós*”.

Temos de nos deixar transformar por Jesus Cristo. Vamo-Lo conhecendo na espinhosa leitura do Evangelho; na oração vamos aprofundando a sua intimidade; nos sacramentos alimentamos e restauramos a comunhão do amor.

Temos de nos deixar transformar porque o nosso amor necessita de ser tratado. São muitas as feridas do amor em cada um de nós.

Temos de nos deixar transformar porque a vida não é fácil, por vezes os sacrifícios são grandes, e com facilidade ficamos destroçados.

Já sois um sacramento. Mas encarai-o também como um projecto de futuro: *“Ainda o havemos de ser de forma mais perfeita”*. O diálogo conjugal de verdade. O viver um para o outro nas pequenas coisas. O cultivar diariamente o vosso amor, recreando-o. O dedicar tempo àquilo que é importante. A oração em comum e a palavra ... Tudo isso fará com que, em cada dia que passa, sejais mais transparentemente um sacramento, que Deus esteja de forma mais pura presente em vós e chegue, através de vós, a todos quantos vos rodeiam.

Podemos pois dizer que **o sacramento é o fundamento da espiritualidade conjugal. Orienta as nossas vidas**, o nosso trabalho, os nossos tempos livres e distrações, os nossos compromissos e responsabilidades, **com essa luz, que é capaz de tornar possível em nós a sua presença, o encontro**. Orienta a maneira de nos relacionarmos com Ele, entre nós, com os outros. O sacramento torna clara a doutrina de uma espiritualidade conjugal, que me incita permanentemente a ultrapassar, na minha vida, tudo o que possa constituir obstáculo a que viva em mim, que torne possível o encontro em mim. Por último, o sacramento é o fundamento da mística: Tornar verdadeira a expressão de S. Paulo: *“É Cristo quem vive em mim”*. Fazer crescer esse Deus em mim para ti, para os nossos filhos, para os outros. **Porque nós somos o sacramento**.

Ao dizer-vos tudo isto estamos a transmitir algo que é muito importante. Algo que se encontra na tradição do cristianismo, e, sobretudo, algo que aprendemos a conhecer em Jesus no Evangelho e a conhecer em vós na vida. Porque se vê em vós, na realidade, o que se lê na Palavra. Vêmo-lo como um germen, ou como um caule crescido. Vêmo-lo através e apesar dessas inúmeras fraquezas, zangas, caprichos, agastamentos ... que salpicam as vossas vidas, mas que não impedem de ver o Invisível que está em vós.

Qual de vós é capaz de dizer que nunca conheceu uma dessas pessoas que evidenciam Deus? Qual de vós não conheceu essas pessoas que são sempre bondade, que têm sempre uma palavra de salvação para dar, que sabem escutar e compreender, que te dão sempre uma nova oportunidade, que te transmitem alegria e esperança? E quem é que não conheceu casais assim?

Seres tu para mim e eu para ti como se fôssemos outros Jesus, *alter Christus*, é, sem dúvida, o fundamento e a força de uma espiritualidade conjugal.

De facto o matrimónio é algo muito grande, muito sagrado. É algo que diz respeito a “*nós com Ele*”, é um sinal da sua aliança. Mas é muito mais. Que Ele o realize em vós!

O MATRIMÓNIO COMO VOCAÇÃO

Restringimos demasiado o uso do termo *vocação*. Quando se diz de alguém que *tem vocação*, partimos do princípio de que será religiosa, religioso ou sacerdote.

É importante recuperar o seu significado universal. **Ter vocação significa ter sido chamado para alguma coisa.** Às muitas pessoas que se lamentam de não encontrarem sentido nas suas vidas, que se queixam de não serem úteis, de não fazerem nada ... era importante que se convencessem que foram **chamadas a viver, a serem felizes, a converterem-se em exemplo para os outros, através do amor e do serviço.** Esta é a primeira vocação universal para todo o ser humano, a primeira chamada do bom Deus, que pede uma resposta.

Mais ainda: cada criatura foi chamada a ser ela mesma. Cada presença humana é específica, com as suas peculiaridades distintas, a sua corporalidade e a sua maneira de ser. É uma vocação concreta para a qual somos indispensáveis, é todo um “*trabalho*” de busca da nossa verdade, de viver o amor e o serviço, a liberdade e a coerência; trabalho para não ficarmos à mercê das forças cegas e impessoais que do nosso interior nos “*fazem ser*” e não nos “*deixam ser*”, para não ficarmos igualmente à mercê de tantas forças que, do exterior, querem manipular-nos para que procedamos à imagem e semelhança dos seus interesses.

Pelo Baptismo os cristãos são chamados a ser filhos de Deus, a viver outra vida, que é a de Deus, que nos é dada gratuitamente. Seguindo a chamada de Jesus Cristo, o cristão é chamado a “*ir mais além*”. O “*Vem e segue-me*” é uma chamada universal para todos os que vivem da fé em Jesus. Fomos todos chamados a segui-Lo para encontrar apenas n`Ele a plenitude e a felicidade.

Chamados a viver, a ser; chamados a ser nós próprios; chamados a fazer da nossa vida um dom a Jesus, descobrimos um horizonte pleno de luz, capaz de saciar a procura de sentido de qualquer criatura.

No cristianismo, e no interior de cada uma das vocações pessoais, há duas grandes chamadas, duas formas de ser cristão de acordo com Jesus, duas grandes vocações nas quais se resume a vida cristã:

- *A consagração a Deus*, no sacerdócio ou em qualquer outra das formas de vida religiosa celibatária; e de igual forma no celibato consagrado aberto, se se der o caso da possibilidade de matrimónio, como leigos.
- *O matrimónio*, vocação específica “*que nem a todos foi concedida*”, como recordava Jesus Cristo. O matrimónio, opção vital que põe em jogo toda a vida, é uma oferta para sempre; sacramento que torna presente o amor e a ternura de Deus, é uma bela e grande vocação, é a “*nossa*” forma de ser cristãos.

Transcreve-se a seguir o testemunho de um jovem no momento de descobrir na sua namorada, a vocação:

“É a Isabel. Foi a grande chamada, uma revelação. Começar a vê-la a meu lado como alguém cheio de Deus, que Ele põe junto de mim, que é a minha vocação, daí que o amor de Deus seja tão grande ao ponto de me confiar a mim a sua distração, é maravilhoso. Agora é difícil ver as coisas sem que essa fortíssima sensação de amor de Deus, de dom e de vocação, não esteja presente. Ela tem de ser a minha oração. Que maravilha!”

Poderíamos entrar, como se de um sonho se tratasse, nesta bela meditação. Como casal, fomos chamados por Deus. Para quê?

1 - PARA A SANTIDADE: de um modo específico. *“Um dia poderei dizer-te com franqueza que toda a minha vida é por ti, que tudo na minha vida é por ti. Que nada se interpõe entre ti e mim. Que o teu eu e o meu morreram para dar lugar ao “nós”, em que o nosso eu particular alcança a sua plenitude, ressuscita.”*

Partindo das nossas insatisfações, egotismos, caprichos, tédios ... vamos caminhando no amor, aprendemos a ceder, pusemos em jogo a nossa generosidade e o melhor de nós próprios. Cada um de nós aprendeu a viver *por ti*, e os dois juntos a viver *por Ele, com Ele e n'Ele*.

Convida-vos a que, ao participar na Eucaristia, ao repetir as palavras com que termina a prece eucarística, se dêem as mãos. Nessas palavras há uma explicação da vocação do casal: *“Por Cristo, com Ele e n'Ele, a ti, Deus Pai ...”*

É uma chamada ao mais, ao dom total, à dádiva sem reservas, à radicalidade do amor.

2 - **O OUTRO É UM DOM DE DEUS**, no qual Ele se dá a ti. É um dom como *uma semente*, como *uma promessa*; é um dom que se confia aos teus cuidados, ao teu amor, à tua verdade, para que o *recries*, para que o faças desenvolver até à sua plenitude, para que possas realizar a mais bela das tuas ofertas: *"Senhor, aquele rapaz / rapariga que puseste diante de mim, que confiaste aos meus cuidados e à minha ternura, percorreu um vasto caminho, cresceu no amor e na liberdade, foi feliz, foi-se aproximando em Ti da sua plenitude; Senhor, esta é a minha oferta para Ti"*.

É uma chamada à oferta, ao trabalho, à criatividade, ao amor.

3 - **CHAMADOS A SER UM**, e desta forma tornar presente ao nosso Deus, que é comunhão de amor, uno na Trindade. A ser **um**, sem deixar cada um de ser o que é. **Se querem realizar-se, ser felizes**, possuir a *"imensa alegria"* de que nos fala a liturgia, **esforçem-se por ser um, por ser comunhão, por ser nós.**

4 - **CHAMADOS A VIVER: A ALIANÇA DE DEUS COM OS HOMENS.** Devem tomar real este acontecimento, amando-vos de tal forma que quem vos vir possa compreender o amor pessoal de Deus por cada um dos seres humanos.

É um grande acontecimento, uma grande notícia, algo que acontece e deve acontecer ao longo de cada dia, durante toda a vida. **Fomos chamados a amarmo-nos como Ele nos ama: sem reservas, até à última gota de sangue.** Chamados a ser o sacramento da sua ternura.

5 - **CHAMADOS, FINALMENTE, A SER SINAL PARA OS OUTROS:**

- **Sinal de vida, através dos filhos**, na sua concepção e em cada dia das suas vidas; para quantos se aproximam de vós. A vossa vocação deve estimulá-los a ser em cada momento, em cada acção, um sinal de vida: através do vosso testemunho de amor, do vosso serviço, acolhimento ...
- **Sinal de vida e de amor de verdade, de justiça e de paz ...;** sinal de tantos valores que significam a nossa vocação cristã.
- **Sinal para descobrir Deus**, porque nada como o amor para abrir o coração do homem ao amor de Deus.

Poderão perguntar, será que isto é mais do que um sonho? Estes e muitos outros sinais particulares são possíveis, porque o amor de Deus, o seu Espírito, está em vós. Sem Ele não serão capazes. Mas d'Ele, ho-

mem e mulher recebem “*poder e força*”, como a tiveram Maria e José, e tantos outros casais que decidiram, movidos pela fé, seguir a Jesus Cristo.

É na oração, na ternura, no *por ti*, na dedicação ao amor de todos os dias, na distinção do querer de Deus, no serviço e no compromisso que recebemos esse Espírito que “*derrama nos nossos corações o amor de Deus*”.

Podemos por Cristo, com Ele e n'Ele.

Que sublime, bela e grandiosa é a vocação do matrimónio!

O MATRIMÓNIO COMO CELEBRAÇÃO

Perante a sociedade, no civil, o matrimónio é um contrato entre homem e mulher. De acordo com a ordem jurídica de cada país, garante os direitos do casal e dos descendentes, bem como o cumprimento dos deveres. Na frente de um juiz celebra-se um contrato, que não mede o amor nem as intenções, ainda que as pressuponha.

É este carácter contratual, imprescindível, que hoje muitos jovens recusam. De facto aquilo que recusam é que tenha de reduzir-se a isso, pois é assim que se define legalmente: a lei civil não pode obrigar ao amor. Querem dizer, sem dúvida, que o matrimónio é uma opção de amor, de forma que “*os papeis estão a mais*”. Visão simplista das coisas, que frequentemente encerra uma contradição profunda, porque de um conceito primário do amor – “*sentir*”, “*estar enamorado*” – se passa a ver o matrimónio também como uma opção de divórcio: “*até nos cansarmos um do outro*”, “*enquanto gostarmos um do outro*” ...

Falta descobrir a dimensão dinâmica do amor, como processo em crescimento, através da crise; como realidade a redescobrir, a recriar, a reinventar; sintetizado no conceito de fidelidade, que não é resignação, mas antes capacidade de ir fazendo tudo de novo.

Há uma percepção clara de que o amor é a chave, apesar do contrato. Frequentemente minimiza-se, reduzindo-o ao encontro carnal - “*Faz amor ...*” - ainda que tal não passe de um satisfazeres-te a ti próprio. Falta descobrir nessas propostas que o amor é entrega e doação, é deixar de viver em função de si mesmo, para viver por ti.

Os que crêem podem entender que **o matrimónio é celebração**. Perante o sacerdote que ocupa o lugar de Jesus Cristo, perante a comuni-

dade para a qual se convertem em sacramento, nós cristãos celebramos um acontecimento: **Deus está presente na entrega do homem e da mulher e fá-los sacramento Seu**. Celebramos o amor e a vida, que vêm de Deus e nos quais Ele se torna presente, celebramos uma festa e uma enorme alegria.

Por isso toda a história do casal cristão deve ser celebração e festa. Cada dia que passa esse casal deve ser celebração e festa. De um acontecimento que sucedeu, sucede e continuará a suceder. Mergulhados em fraquezas ocasionais, inevitáveis, nas crises, no realismo e na pequenez das coisas do dia a dia. O Senhor indignou-se quando ouviu que o povo dizia: “*Será que Deus é capaz de pôr uma mesa no deserto?*” (Sl 78, 19).

No deserto frequente da nossa vida o Senhor põe uma mesa para o banquete, para a celebração. Porque a vida deve ser prazer e celebração.

É necessário ter sempre presente que:

- Celebram uma história de amor, até que a morte vos separe;
- Celebram uma história de salvação, desde a servidão até à terra prometida;
- Celebram a presença de Deus, da sua infinita ternura, entre os homens, no vosso amor;
- Celebram que são dom e recreação desse dom;
- Celebram que são chamados à vida ...

Num mundo de desencantos e de egoísmos, o casal cristão é uma celebração e uma festa. Toda a sua vida adquire uma dimensão litúrgico-cafestiva, de acção sagrada, mesmo nas coisas mais aparentemente simples.

A liturgia nos seus ritos, nos seus sinais, nas suas palavras, é a celebração de um acontecimento. Lembrança e actualização de toda uma história de amor, de salvação. Foi Ele que me chamou do nada, que me libertou, me fez crescer numa terra fértil, me resgatou, me encheu do seu espírito, me tornou fecundo. Porque me amou desinteressadamente, porque me é sempre fiel.

É esta, mais ou menos, em grandes traços, a nossa liturgia. Essa maneira comunitária de um povo se unir ao seu Deus. Uma celebração de algo que é sublime, e que às vezes, infelizmente, transformamos em aborrecimento, como acontece também com o matrimónio.

Sempre que se pergunta a alguns casais como vai a liturgia das suas relações, eles sorriem ...

- Sem ritos, sem sinais, sem palavras ... o amor morre;
- Sem haver celebração, o amor enfraquece;
- Sem o recordar, o amor minimiza-se na luta do dia a dia;
- Sem o renovar, sem o recrear, sem o reinventar ..., o amor torna-se vulgar.

E temos tantos acontecimentos para celebrar e para actualizar! Aplicaste alguma vez ao teu marido/esposa as grandes etapas de uma história de salvação e amor?

- *Chamou-me,*
- *Libertou-me,*
- *Fez-me crescer numa terra fértil,*
- *Acompanhou-me a atravessar o deserto,*
- *Encheu-me do seu espírito,*
- *Salvou-me quando estava fraco,*
- *Fecundou-me,*
- *Foi-me sempre fiel.*

O que é que aconteceu a esses ritos e palavras que os tornariam presentes na vossa história?: “*Tínhamos muitos durante o noivado. Conservámos alguns nos primeiros anos, mas foram-se perdendo ...*”

Cada casal precisa de uma linguagem, de ritos, de uma simbologia ... que sejam seus. É preciso dar vida e imaginação ao amor. É urgente rever a liturgia do amor.

**É preciso encontrar na liturgia um caminho para o amor:
Por ti, contigo, em ti ...**

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Devem responder por escrito às questões seguintes:

1. Cada casal deve seleccionar as duas ou três coisas que mais o tenham impressionado neste tema, comentando-as em seguida.
2. Estes três conceitos – sacramento, vocação, celebração – podem parecer teóricos, mas têm concretização muito prática. Será que

cada um dos casais pode fazer uma aplicação concreta à sua vida real?

3. O sacramento do matrimónio apresenta-se como:

- Um ideal muito alto, aparentemente impossível;
- Uma pobreza muito grande da nossa parte (estamos muito distantes ...);
- A ajuda de Jesus Cristo presente em nós.

Conhecem algum casal que comprove, pela sua vida, que é um sacramento, que foram chamados para uma vocação, que a sua vida é uma celebração? Como é que isso se nota? Comentem sem necessidade de indicar nomes.

4. O cristianismo, como viver humano que é, pressupõe um caminhar, um projecto, uma *“pedagogia da gradualidade”*.

Para assumir o elevado ideal que o matrimónio propõe aos cristãos, quais são os principais meios melhor podem melhor ajudar-vos?

5. De que forma é que o matrimónio cumpre a tripla condição do sinal: *“ser claro”*, *“estar em situação”*, *“estar presente”*, comprovando assim que é um lugar de encontro pessoal? Será que existe um outro qualquer sinal que o expresse melhor?

No final da reunião
e após escutar todos os casais,
que conclusão tiram?
Troquem impressões e concretizem qualquer aspecto
que seja preocupação comum.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguida da oração partilhada e exposição de intenções (estes pontos da reunião ficam já preparados) criando um clima interior de acolhimento ao outro, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo.

Em seguida leiam as questões, façam um curto silêncio e só depois iniciem o Dever de se Sentar:

- Quais os sentimentos que vos dominaram ao aprofundar este tema? Podem explicar a razão exacta para tais sentimentos?
- Quando o meu “eu” se quer encontrar com o teu “eu”, recorro a sinais através dos quais o meu “eu” se torna presente. Comentem um com o outro quais os sinais que mais vos agradam e quais os que vos desagradam.
- O que é que vos sugere a afirmação: *Vós sois um sacramento*?
- Como “num sonho”, foram apresentados cinco sinais na vossa vocação de esposos: leiam-nos de novo, comentem-nos, propondo algo de concreto para os comprovar nas vossas vidas.
- O vosso matrimónio é de verdade uma celebração? Foi-o, continua a sê-lo? O que é que têm necessidade de recuperar? Por que é que não o celebram, de qualquer forma, neste momento?

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- A Palavra de Deus, a oração individual e conjugal ajudaram-nos a serem mais fiéis no cumprimento dos pontos concretos de esforço? De que forma?
- No diálogo surgiram certamente alguns aspectos que necessitam de ser melhorados a nível individual e de casal. Cada um de vós deve escolher um ponto de esforço durante o próximo mês
- Consegui/conseguimos ao longo do mês dar tempo e criar a disponibilidade interior necessária a uma verdadeira escuta do que é hoje **a Vontade de Deus para o nosso projecto de vida a dois?** Temos dado espaço aos que nos rodeiam para que Deus se manifeste através deles?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

6^A REUNIÃO

PSICOLOGIA DO HOMEM E DA MULHER NO INTERIOR DO CASAL

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Gn 2, 18-24)

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

“Javé Deus disse: Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe seja semelhante. Então Javé Deus formou do solo todas as feras e todas as aves do céu. E apresentou-as ao homem para ver com que nome ele as chamaria: cada ser vivo teria o nome que o homem lhe desse. O homem deu então um nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras. Mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante.

Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele adormeceu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

Depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher e apresentou-a ao homem. Então o homem exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!

Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e une-se à sua mulher, e os dois tornam-se uma só carne.”

II. TEMA DE ESTUDO

PSICOLOGIA DO HOMEM E DA MULHER

Vivemos inseridos na cultura do unisexo; numa ânsia obstinada, e um pouco acientífica, de negar qualquer diferença na psicologia do homem e da mulher. Além disso, admitem-se como consequência de condi-

cionamentos educativos e sociológicos, o que até nem deixa de ser verdade em muitos aspectos.

Proceder a uma reflexão contracultural até tem os seus encantos. Fazer uma reflexão baseada na observação dos comportamentos masculinos e femininos é divertido. Leiam estas páginas com um certo sentido de humor. Sem apriorismos, sem “*zangas ideológicas*”, este tema pode aplanar caminhos, ajudar a compreender comportamentos, a serem mais benevolentes um com o outro, a solucionar problemas.

Sem qualquer pretensão científica, gostaríamos de vos apresentar, com toda a simplicidade, algumas pistas que possam ajudar-vos a encontrarem-se e a complementarem-se.

Deus fez com que tudo seja diferente. O homem, na sua ânsia de posse, para possuir mais facilmente, tende a uniformizar tudo. Deus fez o ser humano diferente: fê-lo homem e mulher. Homem e mulher, complementares, são o ser humano.

O casal é um *ser*. Homem e mulher são duas formas da pessoa, que se complementam.

“A condição sexuada afecta a totalidade da vida, em todas as suas dimensões. A vida realiza-se em duas formas, polarmente opostas, disjuntivas, consistentes na mútua referência, a que chamamos homem e mulher.”

(Julián Marías: *A mulher e a sua sombra*)

Homem e mulher, como fontes complementares do ser, são fonte de riqueza, de exigência, de solidariedade e, por tal, de amadurecimento. O homem foi feito para a mulher e a mulher para o homem.

Falar de psicologias diferentes não significa que existam traços exclusivamente masculinos e femininos. Tudo está em todos, salvo as diferenças corporais. Podemos dizer que existem diferentes “*intensidades*”, algumas coisas de predomínio generalizado, com todas as ressalvas que podem relativizar estas afirmações. Como atrás foi referido, as diferenças corporais influem decisivamente. Mas se afirmamos que todo o corpo da mulher está marcado pela sua relação com a maternidade, não podemos deduzir que a ternura seja seu património exclusivo, nem muito menos que todas as mulheres sejam o máximo em ternura.

Tudo o que for valor humano deve ser cultivado por ambos na procura da perfeição, assim como deve ser eliminado progressivamente tudo o que impeça a conjugação harmoniosa de ambos no casal.

1. Ritmo diferente

Afirmar que algo é diferente não significa que seja melhor ou pior. É por serem diferentes que são chamados a complementar-se, a dar-se um ao outro aquilo que se tem, a suprir as carências.

Assim, podemos afirmar que o homem tem um ritmo diferente da mulher, “*uma velocidade diferente*”. O ritmo da mulher é mais lento, o do homem mais precipitado, com todas as salvaguardas. Por tal devem complementar-se.

Assim, na sexualidade a mulher requer mais preparação para ir reagindo e chegar ao seu clímax. O homem é mais “*precoce*”, e daí as dificuldades iniciais de satisfação no encontro sexual. O trabalho amoroso, a dedicação de tempo, a aprendizagem do diálogo dos corpos na ternura, irão reduzindo a distância dos ritmos.

No ritual de se vestirem, de se “*arranjarem para sair*”, a mulher precisa de mais tempo e concede a este acto muito mais importância do que o homem. Desde o “*que é que hei-de vestir hoje?*”, “*não tenho nada para vestir!*” até ao “*quando estiveres pronta avisa-me, para eu me arranjar*” há um conjunto de anedotas engraçadas em cada casal. O homem tem a sensação de chegar atrasado a todo o lado por causa dela, de que surgem sempre à última da hora coisas que deviam ter sido previstas com antecipação. E ela diz que o marido é pesado e lento e, que se ele se preocupasse um pouco mais com as coisas da casa, que é dos dois, não teria tanto tempo livre. Quantas vezes, ao vê-los chegar, não se fica com a sensação de que alguma coisa se passou entre eles! É que o ritual de se vestirem é propício a pequenos aborrecimentos, motivados pela “*velocidade diferente*.”

Podemos enumerar muitas outras áreas:

- Para fazer compras, a mulher precisa de muito mais tempo, olha muito mais as coisas com pormenor, leva mais tempo a decidir-se. Porque tem mais o sentido da poupança, da estética e porque gosta de comprar.
- Se fizeres na aula uma pergunta de repente a um rapaz, ele reage imediatamente; se fizeres a mesma pergunta a uma rapariga ela leva mais tempo. É talvez por isso que, na escola, os rapazes queixam-se de que as raparigas são melhor tratadas do que eles.

- No perdão, os homens acusam as mulheres de serem rancorosas, e elas acusam-nos de serem egoístas. A mulher “*guarda*” as coisas, anda com elas às voltas, precisa de mais tempo para “*digerir*”. Ele esquece facilmente e isso ela não compreende.

A existência de ritmos diferentes é uma fonte de exigências para ambos, uma riqueza se se complementarem. Mas não é fácil ...

2. Diferente necessidade de expressão

No capítulo anterior a diferença era marcada pelo ritmo. Neste trata-se de uma necessidade e, como tal, deve ser satisfeita. O homem tem menos necessidade do que a mulher. Ele deverá esforçar-se, ela deverá controlar-se.

2.1 - É inegável que, regra geral, o homem tem pouca necessidade de se expressar, e a mulher tem muita. Isto não é fácil de ser assumido, e exige um grande esforço de ambos. Conta-se a história dum marido em que a mulher tinha passado toda a tarde com uma amiga, que ao chegar a casa lhe telefonou e estiveram a falar ao telefone meia hora mais e, ao despedirem-se, disseram: “*Voltamos a falar*”. “*Sobre o quê?*”, perguntava o marido admirado. Ao recordarem esta história, uma delas disse que “*ainda que estivessem todo o tempo juntas, haviam de ter sempre coisas para continuar a falar.*”

O homem deve esforçar-se por satisfazer essa necessidade da mulher. Há casais que se parecem com verdadeiras múmias, fechados no seu mutismo, derrotados, dizendo que sim, mesmo sem saber a quê. A mulher deve moderar-se, não vá o marido adoptar o ditado bíblico: “*Que a tua língua se cole ao céu da boca!*”

É uma arte, em determinadas mulheres, a sua capacidade de ir, aos poucos, abrindo o coração do marido. Mas, sem dúvida, aquilo que não se deve fazer mesmo são os interrogatórios.

2.2 - E é assim porque a mulher entende a realidade na medida em que esta se exprime. Ainda que possa parecer uma afirmação exagerada, não o é de facto. Devemos reflectir sobre isso até compreender a sua importância. O homem não tem necessidade que se lhe exprimam as coisas, ou então tem-na bastante reduzida.

“*Não preciso que me digas com frequência que me amas. Já mo diseste uma vez, e sei que me queres, demonstra-mo, cada dia que passa, com a tua vida.*” Mas ela precisa que lho digas e repitas, que lho expri-

mas com as tuas palavras, com os teus gestos, com as tuas atitudes, com as tuas valorizações ... Precisa que lho evidencies.

Aprender a dizer o amor, a explicá-lo, é uma tarefa bela, por vezes difícil mas imprescindível. Os filhos também vão exigí-lo. Aprenderem ambos a ler, até no silêncio, aquilo que é expressão do amor do outro, por vezes imperceptível, pressupõe generosidade e capacidade de olhar com amor o outro. Isto acontece frequentemente com as crianças e os adolescentes. Queixam-se: *“Ninguém gosta de mim”*. E vivem rodeados de amor. Talvez não te digam nem façam aquilo que tu esperas, mas observa bem e vê quanto amor pode existir para ti nos gestos mais insignificantes dos teus pais, e que são a sua forma de gostar de ti.

E eis que temos nova tarefa: aproximar, por um lado, a minha forma de querer-te daquilo que tu necessitas, e em valorizar, por outro lado, essa forma de amar-te, que é a sua.

A mãe precisa, de acordo com outro exemplo, que se lhe contem as coisas, e daí nasce o terror dos interrogatórios. Para o marido, o dia de aniversário é um dia como os outros, para ela não, e por isso espera qualquer coisa. Os pormenores serão, em todas as circunstâncias, fundamentais; são uma expressão do amor, de que todos necessitamos.

2.3 - Se dois rapazes decidem ir uma tarde ao cinema, precisam de vinte segundos para se porem de acordo: *“Encontramo-nos às tantas horas em tal local”*. Mas quando duas amigas se telefonam para o mesmo objectivo, precisam de vinte minutos para se entenderem.

O homem vai directamente ao assunto. A mulher vai dando voltas até chegar ao assunto. *“Onde é que ela quer chegar?”*, interrogas-te quando uma mulher começa a falar-te. É preciso dar-lhe tempo porque necessita de *“criar clima adequado”*. Ainda que por vezes o enerve, é necessário reconhecer que a capacidade de *“criar clima”* acrescenta qualidade à relação pessoal. Por vezes não há tempo, é verdade, mas quão carentes estamos de acrescentar qualidade e de ter tempo para o que é importante. Não basta dizer-se: *“Podíamos ter resolvido isto em dois minutos, e ter visto o filme”*. Com as crianças passa-se a mesma coisa. A arte de viver exige dar prioridade àquilo que é mais importante.

2.4 - Podíamos aplicar esta tripla reflexão a todas as áreas da relação conjugal. Iremos abordar apenas duas em que podemos exemplificar essa necessidade especial de expressão:

- Transmitir qualidade ao acto sexual. Na relação sexual muitos homens ficam mudos. Não conseguem, porque também não preci-

sam, acompanhar com palavras a linguagem do corpo. Chegam e zás!, de uma vez, já está! A capacidade de criar um clima, de se expressar antes de se dar, de criar uma linguagem para a ternura, a aceitação do outro, pela oferta e pelo acolhimento, significa que o acto sexual se converte em encontro pessoal, em expressão perfeita do amor, em criação do casal, pois são uma só carne, um só ser.

- Na comunicação dos sentimentos mais profundos, em especial da própria fragilidade, assumida e ofertada ao outro. Em muitos casais trata-se de um campo intocável, de uma barreira inultrapassável. É o tecto do seu amor, não irão mais além. A necessidade de se exprimirem sobre estes assuntos é diferente nele e nela. Mas é um terreno indispensável. Partindo de um respeito mútuo profundo, sem angústia, é preciso que se vão aproximando, que o tornem possível.

3. Diferente percepção da realidade

Não é fácil admitir que haja um modo masculino e um modo feminino de ler a realidade, de se dar conta das coisas, de vê-las. E, repetimos, uma não é melhor nem pior do que a outra, mas apenas diferentes, que precisam de se complementar. Reconhecer, assumir e, inclusive, procurar essas formas diferentes de ver as coisas, constitui uma riqueza, pois permite vê-las melhor. Por isso poder-se-ia acrescentar que, para além de haver um modo masculino e outro feminino de ler a realidade, há um modo em casal de a ler, mais completo e mais atento ao todo.

A mulher, regra geral, tem uma visão mais analítica da realidade. Compreende o todo através das partes, dos detalhes. A sua maneira de descrever alguém passará pela cor do cabelo, maneira de vestir, as suas peculiaridades ... Está mais atenta às coisas que passam despercebidas ao homem.

Por outro lado é mais intuitiva, dá conta mais facilmente de qualquer coisa que ocorra. Como é difícil esconder uma preocupação, um problema, a uma mulher que te ama! Descobre-o até na forma de abrir a porta, ou de a saudar.

Frequentemente é mesmo capaz de ir “*para além das coisas*”, de ver intenções, o que nem sempre é justo; é, no bom sentido, mais “*maliçiosa*”, mais “*adivinha*”.

É aqui que tem a sua origem essa qualidade tão apreciada na visão feminina das coisas, de dar importância aos detalhes, de pôr ternura nas

coisas mais pequenas. Como contraponto, parece-nos importante salientar o risco que se corre ao estar-se mais atento à parte do que ao todo.

Em geral, o homem tem tendência para relativizar as coisas, com uma visão mais sintética da realidade, se bem que existam mulheres mais capazes de fazer sínteses, e mais apaixonadas pela síntese do que muitos homens. Digamos que passaram de uma forma feminina de ver as coisas para uma forma mais humana, em “*casal*”.

De igual forma há homens muito atentos ao detalhe, que superaram a forma masculina de ver, para chegarem à forma humana, em “*casal*”, de ver as coisas.

Porém, regra geral, o homem tem uma visão mais sintética: através de coisas globais, os detalhes escapam-lhe e está mais atento ao todo. Se ouvires um casal a descrever uns dias de férias passadas sozinhos, vais compreender isso muito bem.

O homem é mais “*inocente*”, menos malicioso, não dá conta das coisas, incluindo problemas grandes. Um problema grave de um filho é quase imediatamente percebido pela mãe, enquanto que o pai pode ficar “*a leste do problema*” durante anos, sem suspeitar de nada, porque só vê aquilo que quer ver ou então porque não é capaz de enxergar para além do seu nariz.

Estas pequenas reflexões podem dar uma ideia da transcendência deste ponto, da necessidade de um encontro de ambas as formas de ver, através do diálogo e da compreensão mútua.

4. Sensibilidade diferente

Não apenas mais ou menos sensibilidade, mas também sensibilidade diferente, e respeitante a coisas distintas. Generalizando, podemos afirmar que a mulher tem mais sensibilidade que o homem. Tudo no seu ser, mesmo na sua biologia, está preparado para o acolhimento, para a maternidade. Por tal é mais solidária, o que faz com que muitas vezes seja mais amadurecida. É, por consequência, mais sensível ao humano, ao ser. Dá mais importância ao sentimento, ao pessoal, à família. Na sua sexualidade depende da ternura, do “*clima*”, do sentimento; sem isso é-lhe difícil vivê-la. Está mais atenta, é mais sensível às situações. Não há dúvida que tem muito maior riqueza afectiva e sexual, aspectos em que é educadora e complemento do homem.

O homem, regra geral, é mais pobre em sensibilidade, dá menos importância ao sentimento, é mais dado àquilo que não é essencial, conversa mais facilmente sobre aquilo que não compromete o mundo interior. Na sua sexualidade depende mais do contacto do que da ternura, tem mais localizada e menos desenvolvida a sua pulsação sexual, e é mais pobre. É menos atento e menos dado ao pessoal; “*não trata dos filhos*” queixa-se a mulher. Se se deixa “*educar*”, nos aspectos afectivos e sexuais, pela mulher, enriquece-se e amadurece muito. É mais estático, prefere o conforto à limpeza.

Dando a volta a estes argumentos pode-se observar que a mulher sofre mais facilmente por qualquer coisa, é mais susceptível de dar interpretações menos adequadas e a ver duplas intenções. Quando não domina os seus sentimentos negativos pode ser terrível. É mais dependente do que se lhe diz e de como se lho diz, mais dada à fofoca, à crítica, a entrar nas vidas alheias para o bem e para o mal. É mais subjectiva e, regra geral, mais susceptível.

Pelo contrário, o homem é mais independente, menos dado ao “*pessoal*”, talvez devido a fraqueza e receio. Por isso sofre menos com esse tipo de coisas, que passam mais facilmente por ele. É mais objectivo, mais frio; “*são muito egoístas*” dirão as mulheres.

O marido é mais propenso a procurar na sua mulher a mãe e não a esposa. A mãe é “*a mulher que soluciona as suas necessidades*”, enquanto que a esposa é a “*mulher que partilha a sua vida*”. Também a mulher é mais dada a procurar no homem o filho do que o marido.

Finalmente podemos dizer que a mulher necessita mais de chamar a atenção sobre si própria e que o homem é mais dissimulado. Que a mulher é mais forte na dor mas queixa-se mais, enquanto que o homem é mais fraco mas dá menos “*trabalho*”. A mulher é muito mais sensível perante os valores espirituais e mais contemplativa, mais dada à intimidade com Deus e com os outros.

É difícil encontrar uma mulher medíocre; é mais radical para o melhor e para o pior. O homem é mais naturalmente medíocre.

5. Diferente relação com a “vida”

As aspas pretendem dar à palavra vida um sentido mais vasto que o de maternidade-paternidade. Se de um ponto de vista biológico a participação da mulher é quase absoluta na gestação da criança, a sua atitude perante os homens que “*dão vida*” é também mais forte.

Basta-nos observar o quarto de uma rapariga, ou de um rapaz, o seu arranjo pessoal, a disposição das suas coisas. A mulher onde põe a mão, normalmente, põe a vida. O homem é mais falho de habilidade, mais passivo.

A mulher esforça-se mais pela segurança, pela protecção para a vida. Em muitos casos esta procura de segurança provoca-lhe angústia, especialmente no que diz respeito aos aspectos económicos. É mais propensa, contraditoriamente, à poupança e ao esbanjamento. É curioso ver como as prende o fogo do bingo ou das máquinas de jogo, àquelas que se deixam prender pelo jogo. Pelo contrário, até que ponto são capazes de ser previdentes!

Pelo exposto podemos deduzir uma relação diferente:

- Perante a beleza: o homem “*quanto mais feio mais formoso*”; a mulher é mais “*estética*”, mais coquete no que lhe diz respeito e em tudo o que faz.
- Perante a ordem, a harmonia e a conjugação das coisas ...

A concluir, queremos uma vez mais relativizar aquilo que se disse. Como se afirmou no início, tudo está em todos, ainda que em intensidades diferentes.

Temos consciência de não se ter dito tudo, e muito menos pretender-se fazer uma reflexão de “*ciência psicológica*”. Foram transmitidas apenas algumas observações, cuja meditação pode ajudar-vos a compreenderem-se melhor e a respeitarem-se mais. Indo um pouco mais além, pretendemos que tenham a certeza de que há um caminho a percorrer.

Para além das maneiras de ser masculina e feminina, no horizonte e como meta, está essa outra maneira de ser, que é o SER CASAL.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Devem responder por escrito às questões a seguir apresentadas para serem debatidas na reunião de equipa:

1. Foi pedido no início do tema que o lessem com um certo sentido de humor.
 - Se o tema vos irritou, digam em quê. Vejam se há alguma forma de aproximação entre o texto e as vossas opiniões.
 - Se não vos irritou, digam o que acharam com mais graça.

2. Comentem o pequeno texto de Julián Marías, em “*A mulher e a sua sombra*”.
3. Para além dos cinco aspectos que aparecem no tema, encontram outros que, na vossa opinião, poderiam ser assinalados? Trata-se de uma generalização, mas, de acordo com a vossa experiência, haverá mais? Quais?
4. Será possível que cada casal assinale quais os aspectos do tema que os tenha interpelado mais directamente? Recolhem dois ou três e comentem-nos na reunião da equipa. É sempre bom vermos que todos vivemos mais ou menos as mesmas coisas e enfrentamos problemas semelhantes.
5. Porque é que quando vários casais vão jantar juntos, nem sempre, mas quase sempre, os homens se sentam todos de um lado da mesa e as mulheres do outro? É mais agradável assim? Porquê? Procurem aprofundar esta resposta.

Para alguma coisa vos deve ter servido tratar este tema.
Tirem dele duas ou três conclusões gerais
depois de ouvirem todos os casais na reunião de equipa.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Começemos o Dever de se Sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I), seguida da oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados), criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

A seguir podemos iniciar o diálogo, com a certeza de que nem tudo o que se diz no tema se aplicará a vós, mas apenas algumas coisas:

- Escrevam, em separado, três coisas que vos tenham afectado.
- Preparem-se para as comentar com tranquilidade: o que é que pedem um ao outro? Em que é que devem fazer um esforço para evoluir?
- Os diferentes ritmos têm uma aplicação muito séria na vida sexual. Façam uma reflexão sincera sobre os vossos pontos positivos e negativos.

- Entre vós o pedido de perdão é inevitável. É fácil? Custa-vos muito? É sempre o mesmo que dá o primeiro passo na reconciliação?
- Encontraram o equilíbrio na “*diferente necessidade de expressão*”? Pelo contrário, vão-se acentuando as vossas posições?

Do nosso diálogo certamente surgiram propostas de mudança. É pois uma boa oportunidade para revermos a Regra de Vida.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- As sugestões apresentadas no ponto IV ajudaram-nos no dever de se sentar? De que forma?
- Consegui/conseguimos ao longo do mês descentrarmos-nos mais de nós próprios e dar esforço ao **Encontro com o outro** para que haja mais **Comunhão**? De que formas concretas?
- E nas outras atitudes de vida, que evolução podemos registar?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20____

Em casa de _____



7^A REUNIÃO

A SEXUALIDADE EM CASAL: IMPORTÂNCIA E FUNÇÕES

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Gl 5, 13-26)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Irmãos, fostes chamados para serdes livres. Que essa liberdade, porém, não se torne desculpa para viverdes satisfazendo os instintos egoístas. Pelo contrário, fazei-vos servos uns dos outros através do amor. Pois toda a lei encontra a sua plenitude num só mandamento: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Mas se vos mordeis e vos devoreis uns aos outros, tomai cuidado! Podereis acabar por vos destruídes uns aos outros.

Por isso é que vos digo: vivei segundo o Espírito, e já não fareis o que os instintos egoístas desejam. Porque os instintos egoístas têm desejos que estão contra o Espírito, e o Espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflito, de modo que não fazeis o que quereis. Mas se fordes conduzidos pelo Espírito, já não estareis submetidos à Lei.

Além disso, as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, rivalidade, divisão, sectarismo, inveja, bebedeira, orgias e outras semelhantes. Repito o que já disse: os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, mansidão e domínio de si. Contra essas coisas não existe lei. Os que pertencem a Cristo crucificaram os instintos egoístas juntamente com as suas paixões e desejos. Se vivemos pelo Espírito caminemos também sob o impulso do Espírito. Não sejamos ambiciosos de glória, provocando-nos mutuamente e tendo inveja uns dos outros.”

II. TEMA DE ESTUDO

A SEXUALIDADE EM CASAL: IMPORTÂNCIA E FUNÇÕES

A primeira página da Bíblia, esse precioso fresco da Criação, termina com as seguintes palavras:

*“E Deus criou o homem à sua imagem,
à imagem de Deus o criou,
homem e mulher os criou”*

(Gn 1, 27)

A imagem de Deus não é o homem ou a mulher isoladamente, mas sim ambos, o casal. É a primeira vocação de cada uma das criaturas: vir a ser casal, em qualquer circunstância da vida. O ser humano deve sair de si mesmo, é um ser para o outro. E se está consagrado, deve ser casal com Jesus Cristo e n'Ele com a humanidade.

Nestas palavras está também contida a vocação do matrimônio: reconstruir a imagem de Deus, para O tornar presente e assim ser o seu sacramento. Chegar a ser “o homem”.

Os sexos são obra de Deus. Quando criou o homem, fê-lo homem e mulher, um para o outro.

Jesus Cristo retomou estas palavras (Mc 10, 6-10), quando os discípulos lhe colocaram aquela questão sobre o divórcio:

“Desde o começo da criação Deus fê-los homem e mulher. Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe e os dois serão uma só carne. De maneira que já não são dois, mas uma só carne. Pois bem, aquilo que Deus uniu, não o separe o homem.”

Um duplo preceito, marcado pelo Criador “desde o princípio”:

Deixarão pai e mãe: De grande actualidade, quando observamos estupefactos o quanto custa esta ruptura a determinados jovens, bem protegidos e seguros ao abrigo dos papás, e ainda mais a determinados pais, tão “realistas”, que não os libertam, ou fingem que os libertam, mas retêm-nos, imiscuindo-se nas suas vidas, chegando a provocar desavenças profundas entre os seus filhos e respectivos cônjuges.

Serão uma só carne: é importante compreender isto como um preceito na boca de Jesus. Ser uma só carne é o grande sinal, a expressão de que já não são dois. São *o homem*, a imagem de Deus. É sinal e é causa que o realiza. A sexualidade, até ao fim da vida, é um dever para o casal, adequada às circunstâncias e aos momentos.

Há uma outra insinuação muito clara, uma advertência muito forte de Jesus: “**aquilo que Deus uniu, que não o separe o homem**”. Quer dizer, o homem não tem poder para alterar a ordem da criação. Aplicamos este princípio quase exclusivamente ao caso do divórcio, em cujo contexto foi definido, mas seria bom que meditassem nele também determinados pais, a nossa querida Igreja, alguns sacerdotes. Não podemos separar aquilo que Deus uniu, não podemos criar dificuldades que levem à separação daquilo que Deus uniu. Devemos aproximar aquilo que é intelectualmente certo do que é vitalmente, e por ordem do Criador, verdadeiro.

Na sua origem, na mente de Deus, a vida sexual é bela e boa. O seu aparecimento foi deslumbrante: “*Deus viu quanto tinha feito: era muito bom*” (Gn 1, 31).

“*Deus formou uma mulher e levou-a perante o homem. Então este exclamou: Carne da minha carne*” (Gn 2, 23).

Sem dúvida, tanto a sexualidade como toda a criação, viram-se alteradas devido ao pecado do homem. A Bíblia exprime-o através de palavras muito explícitas: “*Deram-se conta de que estavam nus.*” Desde então a sexualidade, como a mente e o coração, como todo o ser do homem, podem chegar a ser algo terrível e sujo. Não é preciso ser muito perspicaz para comprovar como pode ser causa de autodestruição para muitos jovens, de verdadeira ruptura da sua personalidade, como é causa de ruína para muitos lares, para homens e mulheres.

Mas Jesus Cristo restabeleceu a Criação, a ordem querida pelo Criador, e restabeleceu também a sexualidade: “*Pai, Tu criaste maravilhosamente o homem, e mais maravilhosamente o restabeleceste na sua dignidade*” (*Oração de Natal*). Deus encarnou na nossa natureza e restabeleceu-a.

É nesta perspectiva que deve ser encarado este tema. Os riscos da sexualidade não podem, em caso algum, ser obstáculo a que procuremos nela uma riqueza de vida. O prazer da sexualidade, o mais intenso dos que existem, está orientado para a ternura e para a vida, e é belo e bom. O homem recto foi maravilhosamente criado porque foi o amor que o fez.

SEXUALIDADE: IMPORTÂNCIA E ACTUALIDADE

Não podemos minimizar a importância deste tema. É dele que depende em alto grau a felicidade de um matrimónio; e nalguns casos totalmente, pois pode estar na base da sua ruptura. Um casal não pode

dizer: “*Está tudo bem em todos os aspectos, menos nesse*”, porque com o andar do tempo esse “*menos nesse*” passa de fonte de insatisfação a desconfiança, a menosprezo e, em muitos casos, à ruptura. Se soubessem quanto uma vivência insatisfatória dos aspectos sexuais pode deteriorar a relação conjugal!

Deus quer que o homem, que o casal, seja feliz. A oferta da vida que nos faz não é para que levemos uma existência raquítica, sofredora, decepcionante. Pelo contrário: “*Vim para que tenhais vida e vida em abundância*” (Jo 10, 10). Não podemos duvidar de que um casal não é feliz, não vive, quando o seu “*ser uma só carne*”, o seu encontro sexual, não é satisfatório. Não se trata do único factor de felicidade conjugal, mas é o principal, de acordo com a ordenação “*desde o princípio*”.

Confirmamos, por outro lado, as dificuldades que um casal pode sentir na cópula e na qualidade do seu encontro sexual. Desde o princípio do matrimónio, ao desaparecerem todas as barreiras, e quando se tiveram já os filhos responsabilmente desejados, e os receios de uma nova gravidez bloqueiam a união, chegando a esse final de caminho que muitos casais impõem a si próprios ao atingir certa idade.

Podemos afirmar que o caminho para o encontro sexual em plenitude, para ambos os cônjuges, é um caminho de aperfeiçoamento humano, e, por tal, um caminho de santidade. Desde o “*para mim*” até ao “*por ti*”, a procura de liberdade interior, o domínio de si mesmo, o despertar de autênticas qualidades de relação interpessoal (criação de clima, ternura, oferta de si próprio, acolhimento ao outro ...), fazem supor um processo ascético-místico de valor incalculável, até chegarem a ser um, e não dois.

Devemos, portanto, **ver o encontro sexual como um caminho a percorrer, como um “trabalho” nobre e belo para a realização do casal, desde o princípio ao fim do matrimónio. Um “trabalho” transcendente: reconstruir na comunhão a imagem de Deus, e ser a Sua presença para os demais. Dela, a sexualidade é expressão e causa.**

A importância deste tema é ainda maior pela sua actualidade. Vivemos uma profunda revolução sexual de que, pelos sinais, estamos a sair, mas que ainda se faz sentir. Para além de todos os extremismos que encerra por ser “*revolução*”, e dos seus custos em muitas vidas humanas destruídas pelas lutas ideológicas, temos de reconhecer que trouxe sérios benefícios ao casal. Entre outros destacaremos:

- Saída de uma época obscurantista no que diz respeito aos aspectos sexuais, consequência de nos guiarmos mais por moralismos do que pela palavra de Deus.

- Reconhecimento dos direitos sexuais da mulher no casal, e negar assim a sexualidade como direito único do homem.
- Fazer-nos ver as funções do sexo em toda a sua amplitude, afastando-nos da visão restritiva de o encarar apenas como caminho de reprodução, a que indiscutivelmente está também ligado.

Mas também deixou rastros negativos. Por exemplo, poder reduzir as coisas sexuais ao seu aspecto lúdico, algo à margem das outras dimensões do ser humano. “*Fazer amor*” converteu-se em qualquer coisa parecida com “*ir beber uns copos*” ou “*jogar uma partida*.” E, como consequência, a perda do seu sentido, das suas funções, do seu ordenamento, da sua riqueza criativa e construtiva.

Por tal fomos chamados a integrar a sexualidade no ser, nas realidades afectivas, na ternura, na totalidade dos valores da relação interpessoal. Além disso, a recuperar o querer de Deus, e nele os seus sentidos e valores.

Magnífico esforço de uma geração que faz de ponte entre duas culturas.

SEXUALIDADE: FUNÇÕES

Se queremos integrar o sexo no ser do homem, do casal, e encontrar o seu sentido e o seu valor, temos necessariamente de nos ocuparmos das suas funções, as quais, na sua dimensão de *objectivo*, vão iluminar o nosso caminho. Se não temos objectivos claros, dificilmente os meios para os atingir serão os adequados.

Ainda que tradicionalmente se tenham reduzido a dois os objectivos da sexualidade, o amor do casal e a procriação, a sua supressão vai ajudar-nos a aprofundar outros aspectos que a enriquecem.

Para o seu enunciado iremos servir-nos de vários textos das explicações doutrinais que João Paulo II deu sobre o corpo humano e sobre a sexualidade.

1. O sexo constitui a pessoa

*“A função do sexo que é, de certo modo, constitutiva da pessoa, e não somente atributo da pessoa, demonstra quão profundamente o homem, em toda a sua solidão espiritual, na unicidade e irrepetibilidade própria da pessoa, é constituído pelo corpo como **ele** ou **ela**”.*

O sexo não é um novo atributo como poderiam sê-lo a cor dos olhos ou a facilidade para aprender línguas. Constitui-nos como pessoas ao fazer-nos homem e mulher. Aceitar a masculinidade ou a feminilidade,

assumi-las e integrar nelas todos os outros elementos do nosso ser, constitui uma primeira tarefa.

Às vezes ficamos surpreendidos como uma utilização dissociada da sexualidade, em relação às outras dimensões, “destrói” a personalidade. É muito difícil explicar a um rapaz a realidade de que o sexo não é um novo atributo do qual podemos dispor como novo instrumento lúdico. O sexo faz parte da sua constituição como pessoa, e tem a função de integrar os outros estratos da personalidade: toda a realidade corporal, o mundo interior da afectividade e os sentimentos, o pensamento e os princípios que desde a liberdade dão coerência ao existir e, finalmente, a realidade profunda e inequívoca do espírito. Uma utilização desintegrada do sexo destrói a pessoa, ainda que tentemos justificar a nossa actuação com milhentas ideologias.

O mesmo se passa com o casal, em que uma vivência satisfatória do encontro sexual fortifica e reafirma, tanto a ele como a ela, no seu ser masculino e feminino. Diríamos que os ajuda a sentirem-se realmente homem e mulher, confirmando assim a difícil tarefa de se assumirem cada um como pessoa.

2. Manifesta e causa a comunicação entre as pessoas

“O corpo que exprime a feminilidade para a masculinidade, e vice-versa, a masculinidade para a feminilidade, manifesta a reciprocidade e a comunhão das pessoas”.

Por causa do sexo o ser humano tem gravado no seu próprio corpo o seu “*ser para*”. O homem para a mulher e vice-versa. Ninguém é para si próprio. Somos “*para*” o outro, definitivamente, para Deus.

Quando o ser humano se fecha e revolve em si mesmo, não é feliz, não foi criado para isso; e vice-versa, quando não é feliz, tende a fechar as suas portas, a envolver-se em diálogo interior, dentro do seu próprio castelo.

O ser humano não foi criado para a solidão, para o egoísmo ou para a adoração de si próprio, para a infelicidade.

Foi chamado para a comunhão: quando deixa de ser ele e entra em comunhão é quando alcança a plenitude do seu ser, e quando finalmente começa a ser feliz. Um dos pontos altos da revelação de Jesus é a relação entre a alegria e o amor, que é alguém dar-se, que é procurar o bem do outro e a sua comunhão. Em (Jn 15) lemos: “*Para que participeis da minha alegria, e chegue a vós a minha alegria na sua plenitude*”.

Para tal amai-vos. Amai-vos como eu vos amei, e deixai-vos amar.

Mas há ainda mais. O cristão sabe que não se pertence a si próprio. Pertence a Deus: *“Foi Ele que nos fez e somos seus”*. Nem mesmo o amor pertence ao homem como qualquer coisa de seu, é um presente de Deus, como participação da sua própria vida: *“O amor de Deus foi derramado nos nossos corações ...”* (Rom 5, 5). Ao colocar-se, a um casal de noivos, a possibilidade de relações prematrimoniais, bastaria que um deles dissesse ao outro: *“Aquilo que mais desejo é pertencer-te totalmente, corpo e alma, para sempre. Mas eu não me pertenco, nem tu pertences a ti próprio. Esperemos que Cristo nos entregue um ao outro no dia do nosso casamento.”*

Com esta exposição dá-se igualmente resposta a uma outra objecção: o receio de se comprometerem para sempre, situação que impede muitos jovens de dar o passo para o matrimónio. Aos olhos dos homens, para a *“sabedoria da carne”*, tal decisão é uma loucura. É certo que não somos capazes de adivinhar o futuro, nem podemos calcular as forças, mas é preciso saber que o matrimónio é também um compromisso de Deus, em reforço do compromisso do homem, e por tal é uma graça de indissolubilidade, que dá efectivamente aos esposos *“reservas de amor”* que ultrapassam de longe as capacidades dos seus pobres e limitados corações.. Isto não é divulgado suficientemente e os jovens de hoje têm necessidade de o saber.

No concubinato, pelo contrário, porque não há uma entrega real de cada um, é *“enquanto nos apetecer”*, *“enquanto nos amarmos”* ...

- Faz-se um ensaio sobre a *“qualidade do objecto”*;
- Cada um *“empresta-se”*, como se faz um empréstimo para um negócio;
- *“Dissimula-se”* o amor porque a pessoa não se dá. E a pessoa não se dá porque receia recuperar um dia, ir recuperando pouco a pouco parcelas da vida de solteiro. Tem receio de recuperar um dia porque nos esquecemos de olhar mais para o alto e procurar as águas na fonte de todo o amor.

No concubinato, e devido a tudo isso, não há comunhão de amor. É bom para os esposos o célebre pensamento de Santo Agostinho: *“Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso amor está inquieto enquanto não descansa em ti.”*

3. É fonte de fecundidade e de procriação

“O corpo humano, com o seu sexo e a sua masculinidade e feminilidade, visto no mistério da criação, é fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural ...”

Parece-nos importante realçar o facto de fecundidade e procriação não se identificarem. É obvio que num casal a procriação é a primeira fonte de fecundidade, mas também não é menos verdadeiro que a sua fecundidade não se limita à procriação. Há casais que não podem procriar.

Devemos ter sempre presente o eco das palavras do Criador: “*Crescei e multiplicai-vos.*” Crescer diz respeito a um aspecto muito mais rico da fecundidade do que o mandato explícito de se “*multiplicarem*”.

Num tema posterior abordar-se-á a fecundidade do casal no seu sentido mais lato. Neste apenas nos referimos à fecundidade que resulta do encontro sexual.

a) Fonte de fecundidade

É natural que em determinado momento do diálogo conjugal se tenha levantado como ponto de reflexão, como tomada de consciência daquilo que pode enriquecer o encontro sexual, mais ou menos a seguinte questão: “*em que aspectos é gratificante (fecundo) para ti, para mim, para nós? O que é que favorece ou, pelo contrário, impede em nós que a sexualidade seja fonte de crescimento?*”

Sem dúvida que a experiência vital de cada casal abriria um leque enorme de respostas possíveis. Permitam que vos sugiramos a reflexão de alguns pontos que consideramos importantes. Haverá muitos outros, os vossos, mas estes podem despertar uma vivência frutífera:

- É um encontro em que o ser humano supera a sua solidão.
- Experimenta a sua capacidade particular de exprimir o amor.
- O ser humano é aceite e afirma-se por si próprio como alguém querido pelo Criador, como único e irrepetível.
- Os aspectos de complementaridade do masculino e do feminino enchem de prazer o coração.
- É fonte de felicidade, de alegria, de prazer.
- É uma relação de aceitação e de acolhimento do outro na sua dignidade intrínseca, que se opõe a tudo o que implique redução do outro a “*objecto para si mesmo*”.
- O dar e o aceitar confundem-se de tal forma que o mesmo dar se converte em aceitar e o aceitar transforma-se em dar.
- Homem e mulher ao darem-se descobrem-se a si mesmos, pelo facto de terem sido recebidos e aceites; pela oferta daquilo que são em toda a verdade da sua humanidade. Assim, em toda a realidade

do seu corpo e do seu sexo, da sua feminilidade ou masculinidade, chega ao mais fundo da sua pessoa e à plena posse de si mesma.

- No momento em que cada um se encontra a si próprio, através do dom sincero de si mesmo, converte-se em fonte de um novo e mais profundo enriquecimento do outro consigo mesmo. O intercâmbio é recíproco, e nele se descobrem e crescem os efeitos do dom sincero e do reencontro de si mesmo.
- A entrega sexual supera totalmente a sua vertente fisiológica e procriadora para se transformar em dom, em aceitação, em encontro, em enriquecimento do homem e da mulher.

Pouco a pouco, ao tomar-se consciência de cada um destes pontos, eles podem converter-se numa ótima reflexão, em alimento do nosso diálogo e em qualificação do nosso encontro. Em fonte de felicidade e de fecundidade. Numa palavra, de crescimento.

b) Fonte de procriação

Como em toda a ordem natural, a sexualidade está ordenada na vida humana tendo também em vista a procriação.

O amor difunde-se e, por isso, o casal, que não está fechado em si mesmo, tende a chamar à vida um novo ser, para o tornar participante do seu amor e da sua felicidade.

Não há dúvida que o prazer de viver e, mais ainda, o de fazer viver é o que está na raiz desta chamada à vida. Todo o processo educativo da criança estará marcado por este duplo prazer, se quer ser autêntico e válido para a ajudar no seu crescimento. A afirmação “*É bom viver*” passa por cima da dor e do trabalho, da solidão e da pobreza. É uma afirmação que brota limpa da fé na vida, da fé em nós próprios e no casal, e sobretudo da fé em Deus.

Saber que Deus é um Pai bom, que nos ama; saber que é Ele a resposta às grandes questões sobre o princípio, o sentido e o fim da vida, é o que nos estabiliza na existência e nos faz vê-la como o melhor presente do seu amor. O coração crente dá, para sempre, graças a Deus pela vida.

São estas certezas que estão na base da *generosidade* com que o casal, certo da força da providência divina e do seu amor, convida novos seres a participarem deste banquete da vida, para sempre. Um casal consciente e certo destas realidades está, por princípio, aberto à vida.

Estar “*abertos à vida*” é uma concepção muito rica da existência. Vai muito para além dos aspectos restritivos, interpretá-la como “*que toda a união sexual deva dar possibilidade a uma concepção*”. A resposta à

questão do número de filhos deve ser dada pelo casal de forma responsável. É verdade que hoje é difícil ter muitos filhos, assim como é verdade que o egoísmo, o hedonismo e o materialismo de uma vida fácil e, por tal raquítica, se apoderam de muitos casais. Também é certo que o receio de nova gravidez cria dificuldades, insatisfação e frieza, assim como os anticoncepcionais válidos, instáveis em muitas ocasiões, inibem a mulher e de certo modo escravizam o casal.

Estar “*abertos à vida*” diz respeito ao prazer de viver e de fazer viver. Os encontros sexuais devem “*dar-vos vida*” e, conseqüentemente, “*dar vida*” a tudo o que se relacione convosco. Dará vida a outros seres, em função da vossa generosidade e da vossa responsabilidade, de acordo com a vossa decisão.

c) A capacidade de exprimir o amor

“... compreende desde o princípio a capacidade de exprimir o amor, precisamente aquele amor em que o homem-pessoa se converte em dom e mediante este dom actualiza o próprio sentido do seu ser e da sua existência”.

Em virtude da relação sexual do casal ser um acto de entrega interpessoal, é verdade simples e pura de comunhão de pessoas.

Como se pode ler no primeiro texto inserto no final deste tema (8.ª Reunião) “*a seguir ao dia vem a noite*”, fazer amor é expressão do amor vivido, fonte de crescimento para esse amor.

Para tal exige um clima, não apenas como preparação imediata, mas ao longo da convivência. Clima de compreensão e de perdão, de ternura vivida, de amor partilhado.

Não somos peritos a viver no amor nem a expressá-lo. Infelizmente a reprimenda e o abandono são mais frequentes.

Este ponto é uma chamada à vida a partir da bondade – a melhor expressão do amor – o mais habitualmente possível..

Que os nossos olhos, palavras e gestos estejam sempre cheios de amor, de bondade.

É importante repetir que “*o corpo é o lugar da oferta*”. É através dele que passa o amor, a doação. Mas também é lugar de todos os egoísmos. Muitas vezes dizemos que o fazemos por amor ... Mas não é verdade: “*roço-me em ti para me acariciar a mim*”, para compensar as minhas ansiedades, para satisfazer as minhas necessidades.

O corpo humano, maravilha da criação em cada uma das suas partes, é também fonte de uma profunda espiritualidade, pois é a expressão do amor.

Devemos esforçarmo-nos durante toda a vida para que o *eu* seja o seu dono e não o seu escravo. O nosso aspecto exterior, que tanto nos custa a assumir, as necessidades vitais tais como comer, beber, dormir, sexo, saúde... são outros tantos aspectos que podem escravizar-nos, subjugar-nos, mas também, pelo contrário, podem-nos servir de expressão do amor, de fonte de prazer.

É um trabalho maravilhoso!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

O estudo do tema desperta, necessariamente, o diálogo em casal. Depois de o fazerem, respondam por escrito às questões a seguir apresentadas para serem debatidas na reunião de equipa.

1. Quais os aspectos focados no tema que constituíram contributo positivo para a vossa vida? Mencionem alguns para os porem em comum.
2. Sobre o capítulo *Sexualidade: Importância e actualidade* – Prepararem um comentário. Que aspectos os marcaram mais? Que outros dados querem acrescentar?
3. Sobre o capítulo *Sexualidade: Funções* – Pensam que as funções do sexo estão adaptadas ao homem de hoje? Houve algum aspecto que foi inspirador para vós? Em quê? Querem acrescentar alguma coisa mais?
4. Como é que a fecundidade e a procriação se identificam na nossa vida?

No final da reunião:
após terem sido ouvidos todos os casais,
que conclusões tiraram?
Concordâncias e discordâncias?

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Depois de uma oração partilhada, de preferência sobre o texto de meditação (Ponto I), criando assim um clima de acolhimento entre os dois, que vai facilitar uma verdadeira atitude de diálogo.

Devem falar a sério sobre o conteúdo deste tema, pois é uma ótima ocasião para serem sinceros. Para o efeito podem seguir as seguintes pistas:

- Há transparência na nossa sexualidade? Não ocultam alguns aspectos? Procurem indicá-los e descobrir a razão da sua ocultação
- Concretizem uma a uma “*quais as atitudes que vos ferem e quais as que vos agradam*” no vosso encontro sexual.
- Não é fácil o encontro sexual:
 - É gratificante aquilo que vivem para os dois?
 - Como se sentem acolhidos? Sentem-se por vezes repelidos?
 - Tomam ambos a iniciativa ou é sempre o mesmo? São os dois activos?
 - Peçam um ao outro um esforço concreto.

Aproveitem o dever de se sentar
para reflectirem sobre a vossa regra de vida, redefinindo-a.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- Depois do diálogo em casal, surgiram certamente aspectos que necessitam ser melhorados. Individualmente e em casal escolham um ponto de esforço com vista ao vosso aperfeiçoamento pessoal e conjugal.
- De que modo os pontos concretos de esforço me ajudaram a aprofundar com **verdade o conhecimento do outro** no aspecto sexual?
- E nas outras atitudes, há evolução de crescimento?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____

8^A REUNIÃO

A SEXUALIDADE EM CASAL: PRINCÍPIOS

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Lc 11, 33-36)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la em lugar escondido ou debaixo do alqueire, e sim sobre o candelabro, a fim de que os que entram vejam a luz. A lâmpada do corpo é a tua vista. Se a tua vista estiver sã, todo o teu corpo ficará também iluminado, mas se ela for má, teu corpo também ficará escuro. Por isso, vê bem se a luz que há em ti não é treva.

Portanto, se todo o teu corpo está iluminado, sem parte alguma tenebrosa, estará todo iluminado como a lâmpada, quando te ilumina com seu fulgor.”

II. TEMA DE ESTUDO

A SEXUALIDADE EM CASAL : PRINCÍPIOS

“Os dois serão uma só carne”. Seria tão bom ver a sexualidade pelos olhos de Deus que a criou! E em que é que se está a transformar? Os que se excedem e os hipócritas têm muito que discutir e transformá-la em cavalo de batalha. Talvez outras gerações sejam capazes de falar com mais clareza do que nós.

E passamos a algumas reflexões que devem ser princípios a seguir.

Se se trata de uma festa, o que é que se pode recomendar?

1. Que a solicitação seja mútua

Que não seja sempre um, o mesmo, que vai atrás do outro. Que a solicitação provenha de ambos. Parece parvoíce ou ter pouca importância.

Mas não é assim. Se um dos dois diz que nunca, ou raramente, é solicitado, isso converte-se para ele em fonte de perturbação, de dúvidas.

O sentir-se e o saber-se desejado, procurado, é fonte de segurança e fortalecimento. Aumenta o carinho e a entrega. De qualquer maneira a entrega total dos dois não poderia exprimir-se e sem ela a festa converter-se-ia em funeral.

Solicitação mútua e solicitude mútua. Saber estar um para o outro. Que cada um procure agradar ao outro. Se um é muito activo e o outro um peso pesado ..., há pessoas que criam cada problema ...

De qualquer forma temos de ter consciência do momento do outro. Não devemos querer o impossível. E é preciso saber criar um clima. Não chegar e zás! ...

A relação humana não pode ser assim. É preciso enriquecê-la e qualificá-la. São os preâmbulos e a ternura que tornam o encontro sexual enriquecedor. **Tem de se dar a entrega total dos dois.** E isso pressupõe muitas coisas. Nós entendêmo-nos.

2. Que seja gratificante para ambos

Este é um grande princípio e um grande critério. A partir daí terão que resolver alguns problemas, responder a questões que vos serão colocadas.

Graças a Deus já passou o tempo em que a sexualidade estava limitada a ser um alívio para o homem e algo que a mulher tinha de suportar melhor ou pior. Mas tanto esta como outras coisas são teoria, e não são a prática da vida de muitos casais maduros ou jovens. Ainda há um longo caminho a percorrer.

A sexualidade não pode, definitivamente, reduzir-se à coincidência de dois egoísmos, ou de um egoísmo muito grande e de uma paciência ilimitada, sem que necessariamente o homem tenha de ser o egoísta.

Gratificante para ambos. E para tal é preciso conhecerem-se melhor, é preciso falar claro destas coisas entre vós. E não suportar aquilo que não se pode suportar, e crescer juntos, evoluir juntos. É necessário, antes de mais, querer agradar ao outro, e este esforço não é para ser feito por um só.

Gratificante para ambos para que seja uma festa.

3. Que sejam livres

Falando de sexualidade no contexto conjugal, e não noutra, nem analisando o tema em qualquer outra perspectiva, parece necessário falar

da liberdade em casal, como condição necessária para a festa, para que seja gratificante, etc.

Liberdade não no sentido de cada um fazer por aí o que bem entender. Liberdade no interior do casal no que diz respeito a receios e condicionamentos. Liberdade que não se pressupõe, mas que é necessário conseguir.

Enquanto houver receios a afligir o casal, ou a afligir qualquer um dos seus elementos, será difícil viver a sexualidade como uma festa. A que receios é que nos estamos a referir? Desde o receio da gravidez até ao receio da *“agressão do homem”*, há que ter em conta todos os receios psíquicos, éticos, corporais, de fecundação...

A liberdade não é algo que se possui, que se supõe. *“Têm que a conseguir juntos”*, dialogando muito, ajudando-vos, procurando os apoios de que carecem. Têm de consegui-la. De tudo isto dependem demasiadas coisas. Não deixem para amanhã...

Atrevemo-nos a dizer que, qualquer que seja o problema vivido no interior do casal referente a este tema, nunca se devem sentir separados de Deus nem dos sacramentos. Com uma única condição, a de que os dois actuem de boa fé, procurando agradar um ao outro, crescendo na vossa entrega e amor.

A sexualidade não é uma coisa mais na conjugalidade, o mesmo acontecendo com o diálogo, a oração, o amor ... não podemos dizer: *“isto não anda mas andam outras coisas.”*

Quando qualquer coisa emperra, o edifício pode desmoronar-se. Crescer num aspecto significa crescer em todos. Não nos podemos resignar, no pior dos casos, temos que continuar à procura de soluções.

Cuidar da sexualidade tem de ser objecto da vossa solicitude.

4. Que procurem a qualidade no vosso encontro

Muitas vezes os casais procuram critérios éticos. Procuram o que está bem e o que não está, o que se pode fazer e aquilo que se não deve fazer. E procuram a resposta nas normas objectivas, querem normas que garantam segurança.

É necessário reflectir sobre a relação que existe entre ética e qualidade. O melhor é sempre o que está bem feito. A qualidade do vosso encontro sexual é o princípio ético, moral, da vossa sexualidade. Quanto mais qualidade tiver, quanto mais vos ajudar a descobrir os seus significados, a realizar-vos como pessoas, a ser fonte e expressão de amor ... tanto melhor será, mais ética terá.

Há coisas que pervertem o encontro sexual. Tudo o que seja expressão de “egoísmos”, de “direitos”, “o não ter em conta o outro ...” Quando se resume a prêmio ou castigo para o outro, e se converte em chantagem... Quando se converte em instrumento de reforço e para conseguir qualquer coisa, então mostro-me encantador/ora...

E há coisas que lhe dão qualidade. Tudo aquilo que foi dito ao falar-se do encontro sexual, da qualidade do amor.

A seguir são apresentados dois textos, que ilustram bem o que se tem vindo a dizer.

TEXTO 1

A SEXUALIDADE

Transcreve-se o que sob esta epígrafe disse Mercedes Lozano, num ciclo de conferência, sobre “*A mulher num mundo masculino.*” O título da conferência foi “*Ser mulher: uma vivência integrada e uma possibilidade integradora.*” A referência é textual.

É um tema difícil, mas numa conferência sobre a mulher não se pode passar ao lado do sexuado – aquilo que a faz mulher – nem do sexual – aquilo em que se exprime a mulher e se relaciona com o homem. Mas é talvez o ponto em que me atrevo a fazer menos afirmações. Eu própria variei tanto ...

Não sei se existe uma verdadeira transparência no casal no que diz respeito a este tema. Ouvem-se coisas muito duras e dados muito técnicos sobre orgasmo, frigidez, etc., mas eu interrogo-me se nós, homens e mulheres, falamos sobre atitudes que nos ferem ou nos reduzem, sobre atitudes de fundo, que é o mais importante, pois a sexualidade está nos órgãos sexuais, mas também e talvez mais no cérebro e no coração.

Para mim, há duas qualidades que se complementam numa relação sexual, que se mantêm ao longo dos anos e que são o fascínio e a ternura.

O fascínio é aquilo que para a outra pessoa nos distinguiu dos outros, que fez com que nos enamorássemos dela e não de outra. Esse fascínio deve ser cultivado. Por outro lado, numa relação longa é quase inevitável que não nos magoemos; é o preço da convivência. Muitas vezes o repelir do corpo do outro é exclusivamente devido ao facto de esse corpo encarnar a lembrança e o peso de fracassos, de cicatrizes produzidas na procura de uma harmonia sexual.

A ternura ajuda-nos a começar de novo. Com a ternura e o fascínio dão-se as mãos.

Pensamos também que, ao contrário do que se diz do atractivo das uniões de uma noite, das aventuras fugazes, pelo que diz respeito à mulher, o conhecimento profundo do seu companheiro potencia a sua sexualidade, para se entregar sem reservas e sem medo. Não é isso que está por trás da violação, o medo de ser forçado por um desconhecido?

Não creio que a mulher seja passiva na sexualidade. Creio sim que ela “*deseja a seguir*”, e nada a estimula mais do que o sentir-se desejada.

Finalmente eu acrescentaria algo muito sólido mas pouco vivido, e expressá-lo-ia assim: Para a mulher “*a seguir ao dia vem a noite*”. Não há ruptura. Nem pode passar de um dia duro, em que foi violentada, ignorada, desprezada, para uma noite de amor em que não acredita. Penso que muito mais que as técnicas sexuais que os homens aprendem nos livros, aquilo que mais prepara a mulher para fazer amor é sentir esse amor durante o dia.

TEXTO 2

O DIÁLOGO DOS CORPOS

J. Allemand, em “*Lettre des E.N.D.*”

Apresenta-se este texto como anotação final deste tema. O seu autor põe em relevo uma série de respostas de “um sábio e velho amigo” num colóquio pessoal. É muito sugestivo.

“*As pessoas do século XX amam-se como os bárbaros.*” (Citação idêntica no filme de Tarkovsky: *Em sacrifício*. Alexandre, o herói, medita sobre a época actual, sobre os seus enormes progressos técnicos e sobre o seu empobrecimento espiritual e exclama: “*Somos selvagens; pior que selvagens, pois eles tinham uma espiritualidade que nós já perdemos.*”)

Perdemos em espiritualidade. O amor humano é o primeiro a sofrer esta seca. O espírito não é o inimigo do corpo, como é proclamado pelos imbecis; é a sua luz: “*Quando a tua vista está sã, todo o teu corpo está em luz.*” (Lc 11, 34).

O ser humano é *uno* e o amor humano completo põe em jogo todas as zonas do ser. Se uma delas não toma parte no concerto, o amor não é harmonioso. É discordante. E esta discordância é uma ameaça. Cada instrumento só dá a sua plena e justa sonoridade quando está afinado com os outros. É muito mais que nenhum outro, o corpo.

O corpo é como o trompete. A sua única ambição é fazer-se ouvir sózinho, esmagando com a sua potência as madeiras e as cordas. Lamenta-se de ter de conciliar a sua rapidez e brilho para ter de se ajustar à flauta e ao violoncelo. Se consegue fazê-los calar, fica feliz no seu brio. Mas um dia virá em que toma consciência da sua monotonia e horroriza-se com o silêncio dos outros instrumentos que já não participam.

O corpo corre o risco de deixar ouvir demasiado forte as suas exigências, em detrimento do coração e da alma. Confesso que estou inquieto – fora de toda a consideração moral – ao ver os jovens a precipitarem-se na coabitação, desde o momento em que sentem uma atracção recíproca. Vão para o mais difícil. Cedem aos desejos do corpo. Como é que respondem às chamadas do coração e do espírito que se manifestam ao mesmo tempo? Se não fizerem caso, dar-se-ão conta que as suas relações sexuais se empobrecem e, com o passar do tempo, se tornam decepcionantes. A seguir vêm as crises e as rupturas.

Longe de mim desprezar o corpo! Ele tem de jogar a sua parte, uma parte essencial. Mas joga-a mal se se esforçar em que se oiça apenas ele. Será pior ainda se se empenhar em dirigir a orquestra. É um mau director de orquestra. Poderia ser um instrumentista maravilhoso. Frequentemente digo aos casais que me consultam (em geral cristãos atentos ao que diz a Igreja): Amais-vos como bárbaros! Sempre que vos encontrais na intimidade, chegais à união completa. Mas há momentos em que se impõe uma certa continência, principalmente para evitar um nascimento. Ou recorreis a métodos anticoncepcionais artificiais, e transformais-vos em seus escravos. No fundo não aprendestes a tocar o vosso instrumento. Tirais dele apenas algumas notas, e sempre as mesmas. Ignorais aquilo a que eu chamo o “*diálogo dos corpos*”, que de facto é o diálogo de duas pessoas por meio dos seus corpos. Algo em que deveria haver formação desde os primeiros encontros. Há uma alegria amorosa tão grande num simples beijo, numa carícia, no simples facto de estarem nos braços um do outro! Seria bom que o noivado voltasse a ser

um tempo em que um jovem e uma jovem se iniciassem num certo diálogo amoroso dos seus corpos, em paralelo com o dos seus corações e das suas almas. É fundamental para o êxito do seu lar. Para dizer a verdade, a criança devia, desde a infância, tomar consciência de ser um ser sexuado.

Voltando ao diálogo dos corpos, creio que os casados encontrarão nele uma plenitude desconhecida e a resposta a muitos dos seus problemas sexuais. Não seria questão do tudo ou nada, a união completa ou a abstenção. Possuiriam um vasto registo de expressão corporal do seu amor. O diálogo dos corpos seria o acompanhamento feliz das suas permutas afectivas e espirituais, manteria o seu amor e a sua comunhão.

É possível e conheço exemplos. Reconheço que não é fácil. Faz falta um grande treino, apoiado pelo amor, sobretudo esse amor espantoso dos princípios, que abre as fontes. É um caminho a emprender, caminho de felicidade, mas é preciso falar dele. Agradeço-te esta oportunidade de poder exprimir-me, ainda que superficialmente, sobre aspectos particulares ...

Um as palavras mais ... porque, não o esqueças, o ser humano, e pela mesma razão o amor humano, depois do pecado original, é um ferido grave. Precisa de implorar a Cristo a sua cura, sob pena de viver a amarga experiência de S. Paulo: *“Como sou infeliz!” “Quem me livrará deste meu corpo, instrumento de morte?”* (Rom. 7, 24). Cristo não só cura mas também opera como que uma transfiguração do corpo.

Teremos de situar tudo aquilo que foi dito sobre o **“diálogo dos corpos”**, numa perspectiva mais ampla, na da vida cristã, que surge do sacramento do matrimónio. Resumindo em poucas palavras, o amor humano santificado pelo sacramento é portador, para marido e mulher, da graça de Cristo, que o transforma a partir de dentro e o conduz à plenitude. Isto não acontece de repente mas ao longo de uma caminhada realizada na irradiação do sacramento. Utilizo frequentemente, a quem me consulta, duas palavras gregas que se gravam com mais força nas suas memórias: **“eros”** (a atracção sexual) é penetrado e iluminado pelo **“ágape”** (o amor que está em Deus, e que Deus nos comunica).

Nesta perspectiva, **o diálogo dos corpos adquire todo o seu sentido no matrimónio cristão: é um bom condutor do amor de Deus ...**

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

O estudo do tema desperta, necessariamente, o diálogo em casal. Depois de o fazerem, respondam por escrito às questões a seguir apresentadas para serem debatidos na reunião da equipa.

1. Dos aspectos focados no tema indiquem quais os que constituíram contributo positivo para a vossa vida?
2. Do texto 1: *Sexualidade* – Preparem um comentário sobre a frase: “*a seguir ao dia vem a noite*”
3. Do texto 2: *O diálogo dos corpos* – “*amam-se como os bárbaros*” Esta reflexão contra o “*ou tudo ou nada*” e a favor do “*diálogo dos corpos*” que impressão vos causou? A sua compreensão ajuda-vos a renovar a vossa vida sexual? Há algo que queiram comentar?

No final da reunião:
após terem sido ouvidos todos os casais,
que conclusões tiram?
Concordâncias e discordâncias?

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Depois de uma oração partilhada, de preferência sobre o texto de meditação (Ponto I), criando assim um clima de acolhimento entre os dois, que vai permitir um diálogo sério e verdadeiro sobre o conteúdo deste tema, tão importante para a vossa vida de casal.

Aconselhamo-vos a seguirem as seguintes pistas:

- Quais são os princípios referidos no tema que vivem melhor e quais os que têm mais dificuldade? Na prática, o que é que podem fazer para melhorar a vossa vida de casal?
- Do texto 1: *Sexualidade* – “*A seguir ao dia vem a noite.*”

O que querem pedir um ao outro para melhorar este aspecto concreto?

- Do texto 2: *O diálogo dos corpos* – Existe o diálogo dos corpos entre vós? O que querem pedir um ao outro neste momento como fruto desse diálogo? Apresentem um ao outro respostas concretas.

Do diálogo certamente surgiram propósitos de mudança.
É pois uma boa oportunidade para redefinir a Regra de Vida e decidir o que queremos pôr-em-comum na próxima reunião.

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- As sugestões apresentadas no Ponto IV ajudaram-nos no dever de se sentar? De que maneira?
- E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as metas alcançadas?
- Em relação à mudança de atitudes, em que circunstâncias consegui/conseguimos uma verdadeira **escuta da vontade de Deus**? Como é que essa escuta ajudou ao meu/nosso aperfeiçoamento (conversão)?

PRÓXIMA REUNIÃO

No dia ____ / ____ /20 ____

Em casa de _____



ORAÇÃO

REUNIÃO

BALANÇO EM CASAL E EM EQUIPA

I. TEXTO DE MEDITAÇÃO (Jo 3,1-8)

(Este texto deve ser escolhido para oração da reunião)

“Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos. Era um judeu importante. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus, e disse: Rabi, sabemos que és um Mestre vindo da parte de Deus. Realmente, ninguém pode realizar os sinais que Tu fazes, se Deus não está com ele. Jesus respondeu: Garanto-te: se alguém não nascer de novo, não poderá ver o Reino de Deus.

Nicodemos disse: Como é que um homem pode nascer de novo, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e renascer? Jesus respondeu: Eu te garanto: ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nasce da água e do Espírito. Quem nasce de carne é carne, quem nasce de Espírito é Espírito. Não te admires de Eu dizer que é preciso nascerdes de novo. O vento sopra onde quer, ouves o barulho, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito.”

II. TEMA DE ESTUDO

BALANÇO EM CASAL E EM EQUIPA

Nesta reunião, o tema é o balanço do ano em equipa. No seguimento da proposta de exigência que nos colocámos logo desde o início do ano, façamos agora, uma autêntica revisão de vida. O texto que apresentamos ajuda-nos a situar esta questão, falando-nos das três fases porque deve passar.

... SOBRE A REVISÃO DE VIDA ... (VER, JULGAR E AGIR)

Ver não é meramente olhar, é predispor-se a estar atento. Ver é conhecer muito bem a situação. Para isso temos de saber olhar de vários pontos de vista, várias perspectivas, e aí a Equipa é muito importante para se ter essa visão global da situação: cada um tem uma coisa nova para acrescentar, que irá tornar mais completa a compreensão da situação.

Deste momento também faz parte perceber as circunstâncias (integrar a situação no seu contexto) e perceber os porquês, as consequências e as razões.

A grande fragilidade desta etapa reside precisamente na leitura que a Equipa faz da situação. Conhecer-la com profundidade não é fácil, mas se não for feito, corre-se o risco de fazermos uma reflexão redutora, sem termos todos os dados na mesa. E esta é uma aprendizagem que se faz aos poucos, em Equipa.

No **Julgar** é o momento de percebermos de que forma cada um está envolvido na situação. É altura de confrontarmos as nossas atitudes com os valores do Evangelho e com a vida de Jesus.

Obviamente, o que se pretende não é fazermos acusações uns aos outros, julgarmos os outros, mas antes “*deixarmo-nos pôr em causa*” pela palavra do Evangelho, na confiança com os outros.

Trata-se de, olhando para nós e para a situação, perceber o que vai no sentido da verdadeira construção da Paz, da Justiça, da Liberdade. Numa palavra: o que realiza o Reino, aqui e agora. Ou, pelo contrário, o que o contraria, o que atrasa a sua vinda à História.

O **Agir** deve ser a consequência do que reflectimos para trás. Agimos diminuindo a nossa incerteza, com a consciência que somos limitados e que estamos prontos a refazer, recomeçar, reavaliar.

Preparemos pois o nosso balanço em dinâmica de **revisão de vida** e no **espírito** sugerido por este extracto do Complemento à Carta:

“A vida de equipa não se reduz à reunião mensal. Durante todo o mês os membros da equipa vão rezar uns pelos outros e pelas suas intenções, a partilha e a entre-ajuda vão continuar, conforme as iniciativas de cada equipa.”

TÓPICOS PARA O BALANÇO

Quanto ao Casal (para o Dever de se Sentar):

- * **Aprofundamento da Fé;**
- * **Pontos concretos de esforço ...**
 - Escuta e meditação da Palavra de Deus;
 - Oração individual;
 - Oração conjugal/familiar;
 - Dever de se Sentar;
 - Regra de vida;
 - Retiro anual.
- * **Mudança de atitudes:**
 - Procurar a Vontade de Deus;
 - Descobrir a Verdade sobre si próprio;
 - Viver o Encontro e a Comunhão;
- * **Presença à reunião;**
- * **Estudo do Tema;**
- * **Oração das Equipas (Magnificat);**
- * **Missa Semanal;**
- * **Vida em equipa ao longo do mês;**
- * **Disponibilidade para a Missão** (no Movimento, na Igreja e no Mundo).

Quanto à Equipa:

- * **Vida da Equipa ao longo do mês;**
- * **Reunião da Equipa:**
 - Refeição;
 - Oração;
 - Pôr em comum;
 - Partilha dos meios concretos e das atitudes;
 - Tema de Estudo.

*** Responsabilidades:**

- O Casal Responsável;
- O Casal Animador;
- O Casal de Ligação;
- Contributos dos outros membros da equipa (Casais e Conselheiro Espiritual).

Quanto ao Movimento:

- * **Participação nas Actividades (Sector e Região);**
- * **Participação nas Actividades (a nível nacional);**
- * **Disponibilidade para assumir responsabilidades**, quando chegar o momento, em espírito de entre-ajuda;
- * **Quotização;**
- * **Leitura da carta bimestral.**

Propósitos para o Futuro:

- * **Em Casal e em Família;**
- * **Em Equipa;**
- * **No Movimento;**
- * **Na Igreja;**
- * **No Mundo.**

III. PISTAS PARA REFLEXÃO EM CASAL E DEBATE NA REUNIÃO DE EQUIPA

Em casal

Façamos uma reflexão aprofundada do ano que agora termina, com base nos tópicos apresentados (a reflexão sobre o casal será feita durante o Dever de se Sentar).

Realcemos os aspectos mais positivos e os que carecem de melhorias para o próximo ano.

Que propósitos concretos estabelecemos para o próximo ano?

Em equipa

Apresentemos, em espírito de verdade e de abertura, a nossa reflexão sobre os tópicos sugeridos (Ponto II)

Façamos a análise dos tópicos apresentados por cada um e identifiquemos quais os aspectos a dar prioridade, em equipa, para o próximo ano?

Decidamos se queremos continuar com o estudo desta temática “**Viver em Casal**” no próximo ano, abordando os seguintes assuntos:

- Fecundidade;
- Oração e diálogo em casal;
- Retiro;
- A crise e as crises;
- Educação dos filhos;
- Conjugalidade: um projecto comum.

Sugerimos que a equipa guarde o balanço que efectuar, para aferir a evolução dos aspectos identificados como prioritários, e para o comparar com o dos anos seguintes.

IV. PROPOSTA PARA O DIÁLOGO EM CASAL (Dever de se Sentar)

Começemos o Dever de se Sentar com a leitura do texto de meditação (Ponto I) seguido da oração partilhada e das intenções (estes dois pontos da reunião ficam assim já preparados) criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de diálogo.

- Podemos iniciar o diálogo com esta interrogação:

“Fica sabendo que ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”

- Que oportunidades aproveitámos este ano para renascer, para mudarmos de vida, para nos convertermos?
- E que oportunidade deixámos fugir? Quais as mudanças mais relevantes que eu senti em ti? E tu em mim?

Aproveitemos este mês para também fazer balanço do nosso ano de vida a dois e em família, segundo os tópicos sugeridos no Ponto II.

(Vale a pena anotar as conclusões, para serem recordadas ao longo do próximo ano).

Do nosso diálogo de balanço certamente que surgiram propósitos de mudança. É pois uma boa oportunidade para redefinirmos a Regra de Vida.

Após esta autêntica revisão de vida
podemos decidir o que queremos
Pôr em Comum na reunião

V. QUESTÕES PARA A PARTILHA DURANTE A REUNIÃO

- A escuta da palavra de Deus, a oração individual e conjugal, a oração das equipas (Magnificat) serviram para aumentar o nosso sentimento de pertença à Equipa? E ao Movimento? E à Igreja?
- E nos restantes pontos concretos de esforço, quais as melhorias alcançadas?
- Durante este ano criámos verdadeiras oportunidades de **Encontro e Comunhão com aqueles que mais precisam de nós?** Como?
- E nas restantes atitudes (Abertura à Vontade de Deus e Procura da Verdade sobre nós mesmos) quais foram as evoluções mais significativas ao longo do ano?

Devem discutir na reunião e tomar uma decisão se pretendem continuar a tratar o tema **Viver em Casal**.
Em caso negativo, o Casal Responsável da Equipa deve comunicar ao Secretariado este facto.